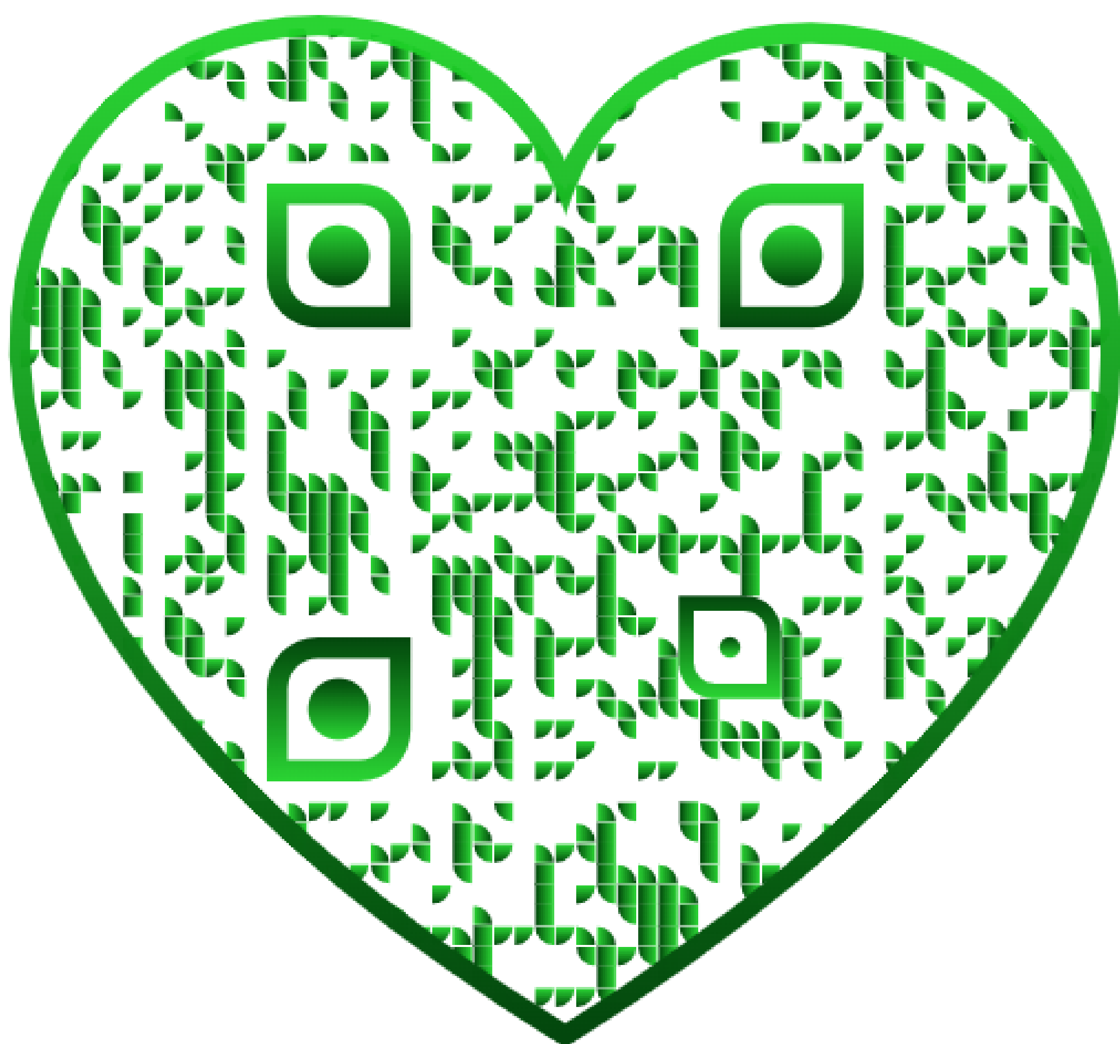
C. S.

Lewis

A ABOLIÇÃO DO HOMEM

Martins Fontes



“Se alguém me perguntasse qual livro, com exceção da Bíblia, deveria ser lido por todo o mundo, eu diria sem hesitar: A abolição do homem. É a defesa mais sensata da Lei Natural (Moralidade) que já vi ou acredito existir. Se algum livro é capaz de nos salvar dos excessos futuros da insensatez e do mal, é este livro.” - Walter Hooper

C. S. Lewis nasceu na Irlanda, em 1898. Em 1954 tornou-se professor de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge. Foi ateu durante muitos anos e se converteu em 1929. Essa experiência o ajudou a entender não somente a indiferença como também a indisposição de aceitar a religião; e, como autor cristão, com sua mente excepcionalmente lógica e brilhante e seu estilo vivo e lúcido, ele foi incomparável. Suas obras são conhecidas, em tradução, por milhões de pessoas no mundo inteiro. A abolição do homem, Cartas de um diabo a seu aprendiz, Cristianismo puro e simples e Quatro amores são apenas alguns de seus best-sellers. Escreveu também livros de ficção científica, de crítica literária e para crianças. Entre estes estão Crônicas de Nárnia. C. S. Lewis morreu em 22 de novembro de 1963 em sua casa em Oxford.

C. S. LEWIS

A ABOLIÇÃO DO HOMEM

Disse o Mestre:
Aquele que se põe a trabalhar com um fio diferente põe a perder todo o tecido
Confúcio, Analectos ii.16

A abolição do homem, ou, Reflexões sobre a educação, especialmente sobre o ensino de inglês nas últimas séries / C. S. Lewis ; tradução Remo Mannarino Filho ; revisão da tradução Luiz Gonzaga de Carvalho Neto ; revisão técnica Geuid Dib Jardim. - São Paulo : Martins Fontes, 2005.

Título original: The abolition of man, or, Reflections on education with special referent to the teaching of English in the upper forms of schools.

ISBN 85-336-2153-1

1. Educação : Filosofia 370.1
2. Educação : Reflexões : Filosofia da educação 370.1

Índice

1. Homens sem peito	5
2. O caminho	14
3. A abolição do homem	24
Apêndice - Exemplos do Tao	34

1

HOMENS SEM PEITO

Ele então deu a ordem de matar
E matou as criancinhas.
Cantiga tradicional inglesa

Não sei se damos a devida atenção à importância dos livros didáticos do ensino básico. É por essa razão que escolhi como ponto de partida destas lições um pequeno livro de inglês destinado a "meninos e meninas das últimas séries". Não creio que os autores desse livro (são dois) tivessem más intenções, e eu lhes devo, a eles ou ao seu editor, uma palavra de agradecimento por terem me enviado um exemplar de cortesia. Ao mesmo tempo, nada tenho de bom a dizer sobre eles. Temos aqui uma situação bem difícil. Não quero ridicularizar dois modestos professores escolares que estavam dando o melhor de si, mas não posso me calar diante daquilo que julgo ser a verdadeira tendência da obra. Proponho-me, portanto, a ocultar seus nomes. Vou me referir a esses dois senhores como Gaius e Titius, e a seu livro como O livro verde. Mas asseguro que esse livro existe e que o tenho em minhas estantes.

No segundo capítulo, Gaius e Titius citam a conhecida história de Coleridge na cachoeira. Havia, vocês devem se lembrar, dois turistas presentes: um a chamou de "Sublime", e o outro, de "bonita"; e Coleridge mentalmente concordou com a opinião do primeiro e rejeitou com horror a do segundo. Gaius e Titius fazem a seguinte observação: "Quando o homem disse Isto é sublime, ele parecia fazer um comentário sobre a cachoeira... Na verdade... ele não estava falando da cachoeira, mas dos seus próprios sentimentos. O que ele realmente disse foi Eu tenho sentimentos que minha mente associa à palavra 'Sublime', ou, resumidamente, Eu tenho sentimentos sublimes." Levanta-se aqui uma série de questões profundas de maneira bastante apressada. Mas os autores ainda não terminaram. Eles acrescentam: "Essa confusão está sempre presente na nossa linguagem. Aparentamos dizer algo muito importante sobre alguma coisa, e na verdade estamos apenas dizendo algo sobre nossos próprios sentimentos."[1]

Antes de examinar as questões de fato levantadas por esse pequeno e significativo parágrafo (dirigido, não nos esqueçamos, às "últimas séries"), é preciso eliminar uma simples confusão na qual Gaius e Titius caíram. Mesmo sob o ponto de vista adotado por eles – e sob qualquer ponto de vista imaginável –, o sujeito que diz Isto é sublime não pode querer dizer Eu tenho sentimentos sublimes. Mesmo se admitíssemos que qualidades como a sublimidade fossem simples e unicamente projeções das nossas emoções, ainda assim as emoções que inspirariam as projeções seriam as complementares, e portanto quase opostas, às qualidades projetadas. Os sentimentos que fazem alguém chamar um objeto de sublime não são sentimentos sublimes, mas sentimentos de veneração. Se Isto é sublime tiver de ser reduzido a uma afirmação sobre os sentimentos de quem fala, a transposição apropriada seria Eu tenho sentimentos humildes. Se o ponto de vista defendido por Gaius e Titius fosse coerentemente aplicado, levaria a evidentes absurdos. Eles seriam obrigados a afirmar que Você é desprezível significa Eu tenho sentimentos desprezíveis; a rigor, que Seus sentimentos mentos são desprezíveis significa Meus sentimentos são desprezíveis. Mas não nos detenhamos neste que é o próprio pons asinorum do nosso assunto. Não seria justo com Gaius e Titius dar ênfase ao que sem dúvida foi uma simples desatenção.

---

[1] O livro verde, pp. 19-20.

O estudante que lê essa passagem no Livro verde aceitará duas proposições: primeiro, que todas as frases que contêm uma atribuição de valor são afirmações sobre o estado emocional de quem as emite, e segundo, que essas afirmações não têm nenhuma importância. É bem verdade que Gaius e Titius não disseram nenhuma dessas coisas com todas as letras. Somente uma atribuição de valor específica (sublime) foi considerada uma descrição das emoções do sujeito falante. A tarefa de ampliar a aplicação a todas as demais atribuições de valor é deixada aos próprios alunos, e nem o mais leve obstáculo é posto em seus caminhos. Talvez os autores desejassem essa generalização, talvez não; pode ser que eles não tenham refletido seriamente sobre essa questão nem por cinco minutos. Na verdade, não me interessa o que desejavam, mas sim o efeito que o livro certamente terá sobre as mentes estudantis. Da mesma forma, eles tampouco disseram que os juízos de valor não têm importância. Suas palavras são: "aparentamos dizer algo muito importante” quando na verdade estamos "apenas dizendo algo sobre nossos próprios sentimentos". Nenhum estudante será capaz de resistir à sugestão trazida pela palavra apenas. Não estou dizendo, é claro, que o estudante vá deduzir a partir disso uma teoria filosófica geral segundo a qual todos os valores são subjetivos e insignificantes. Toda a força de Gaius e Titius depende do fato de estarem lidando com um menino; um menino que crê estar "fazendo" a sua "tarefa de inglês" e que nem suspeita de que conceitos éticos, teológicos e políticos estão em jogo. Não é uma teoria que está sendo incutida em sua cabeça, mas um pressuposto; um pressuposto que, dez anos mais tarde, quando sua origem estiver esquecida e sua presença for inconsciente, vai condicioná-lo a tomar um determinado partido numa controvérsia que ele jamais soube existir. Os próprios autores, suspeito eu, mal sabem o que estão fazendo com o menino, e tampouco ele tem como sabê-lo.

Antes de examinar as credenciais filosóficas das proposições que Gaius e Titius adotaram sobre a questão do valor, eu gostaria de mostrar quais são os seus resultados práticos no processo educacional. No quarto capítulo, eles citam um tolo anúncio de um cruzeiro de férias e passam a incitar seus alunos contra o tipo de redação que ali se encontra[2]. O anúncio diz que quem comprar passagens para o cruzeiro vai viajar "pelo Mar Ocidental por onde navegou Drake de Devon", "aventurar-se atrás dos tesouros das índias" e também levar para casa um tesouro de "momentos dourados" e "cores fulgurantes". Trata-se de um texto ruim, sem dúvida: uma exploração barata e risível das emoções de admiração e prazer que as pessoas sentem ao visitar lugares relacionados a lendas ou fatos históricos. Se Gaius e Titius se ativessem ao propósito de ensinar o leitor a escrever uma redação (conforme prometeram fazer), deveriam comparar esse anúncio com trechos de grandes escritores nos quais a mesma emoção recebe um bom tratamento, e então mostrar onde está a diferença.

Eles poderiam ter usado a famosa passagem de Johnson em Western Islands, que conclui: "Pouco há a invejar num homem cujo patriotismo não se fortaleceu na planície de Maratona, ou cuja piedade não aumentou entre as ruínas de lona."[3] Poderiam ter tomado aquele trecho de The Prelude em que Wordsworth descreve como vislumbrou pela primeira vez a antiguidade de Londres com "Peso e poder, Poder que crescia com o peso"[4]. Uma lição que tivesse mostrado literatura desse porte ao lado do anúncio, e que tivesse realmente discernido o bom do ruim, teria sido uma lição digna de ser ensinada. Haveria nela sangue e seiva — as árvores do conhecimento e da vida crescendo juntas. Teria

---

[2] Ibid., p. 53.
[3] Journey to the Western Islands (Samuel Johnson).
[4] The Prelude, viii, lI. 549-59.

também o mérito de ser uma lição de literatura, um assunto a respeito do qual Gaius e Titius, apesar do intuito professado, parecem singularmente acanhados.

Na verdade, tudo o que eles fazem é mostrar que o luxuoso navio não vai navegar por onde Drake passou, que os turistas não viverão nenhuma aventura, que os tesouros que eles levarão para casa são meramente metafóricos e que uma viagem até Margate seria suficiente para lhes dar "toda a diversão e descanso" que desejavam[5]. Tudo isso é verdade: pessoas menos talentosas que Gaius e Titius poderiam descobri-lo. O que eles não perceberam, ou não quiseram perceber, é que uma avaliação bastante semelhante se aplicaria à boa literatura que se vale das mesmas emoções. Afinal de contas, o que pode a história do cristianismo primitivo da Inglaterra, de um ponto de vista puramente racional, acrescentar aos motivos que havia para a piedade no século XVIII? Por que a hospedaria do Sr. Wordsworth seria mais confortável, ou o ar de Londres mais saudável, só por causa da antiguidade dessa cidade? E, se de fato existe algo que impeça que um crítico "desmascare" Johnson e Wordsworth (e Lamb, e Virgílio, e Thomas Browne, e Walter de Ia Mare), da mesma forma como O livro verde desmascarou o anúncio, Gaius e Titius não dão a seus leitores estudantes a mais leve ajuda para descobri-lo.

Com essa passagem, o estudante não aprenderá absolutamente nada a respeito de literatura. Mas há uma coisa que ele vai aprender bem rápido, e talvez indelevelmente: a crença de que todas as emoções associadas com lugares são em si mesmas contrárias à razão e por isso desprezíveis. Ele não terá nenhuma idéia de que há duas formas de ser imune a anúncios desse tipo; que tais anúncios são igualmente inúteis para os que estão acima e para os que estão abaixo deles, isto é, para o homem de verdadeira sensibilidade e para o primata de calças que nunca foi capaz de conceber o Oceano Atlântico como nada além de milhões de toneladas de água fria e salgada. Há dois tipos de homens para quem são vãos os apelos de um falso artigo opinativo sobre patriotismo e honra: um tipo é o covarde; o outro, o homem honrado e patriótico. Nada disso é dito ao estudante. Ao contrário, ele é encorajado a rejeitar a sedução do "Mar Ocidental" sob a perigosa alegação de que, se agir assim, provará ser um sujeito esperto e difícil de tapear. Gaius e Titius, ao mesmo tempo que nada lhe ensinam sobre as letras, extirpam de sua alma, muito antes que ele tenha idade para decidir, a possibilidade de ter certas experiências que outros pensadores, de autoridade maior que a deles, afirmaram ser férteis, frutíferas e humanas.

Mas não se trata só de Gaius e Titius. Em outro livrinho, cujo autor chamarei de Orbilius, descubro que a mesma operação, sob a mesma anestesia, está sendo realizada. Orbilius escolhe para "desmascarar" um tolo trecho sobre cavalos, em que esses animais são louvados como os "servos voluntários" dos primeiros colonizado-Homens sem peito
rés da Austrália[6]. E ele cai na mesma armadilha que Gaius e Titius. Nada diz de Ruksh e Sleipnir, nem dos chorosos corcéis de Aquiles, nem dos cavalos guerreiros do Livro de Jó – nem mesmo do Irmão Coelho das fábulas infantis ou de Pedro, o Coelho –, nem da pré-histórica piedade dos homens pelo "nosso irmão boi", de nenhum desses tratamentos semi-antropomórficos que damos aos animais na história humana e na literatura, onde quer que eles encontrem expressões nobres ou vívidas[7]. Nada é dito nem mesmo sobre os problemas

[5] O livro verde, pp. 53-5.
[6] Livro de Orbilius, p. 5.
[7] Orbilius é tão superior a Gaius e Titius que chega a propor (pp. 19-22) uma comparação entre o trecho criticado e um bom texto sobre animais. Infelizmente, contudo, a única superioridade que ele realmente demonstra no segundo fragmento é sua superioridade em verdade factual. A questão especificamente literária (o uso e abuso de expressões que são falsas secundum litteram) não é abordada. É verdade que Orbilius nos diz (p. 97) que devemos "aprender a distinguir entre afirmações figuradas legítimas e ilegítimas", mas ele

que a ciência levanta no campo da psicologia animal. Ele se contenta em explicar que os cavalos não estão, secundum litteram, interessados na expansão colonial[8]. Essa informação, na verdade, é tudo o que os seus alunos conseguem tirar dele. Não descobrirão por que a composição apresentada é ruim, enquanto outras, que podem ser alvo da mesma acusação, são boas. E aprenderão ainda menos sobre as duas categorias de homens que estão, respectivamente, acima e abaixo dos riscos desses escritos — os homens que realmente conhecem e amam os cavalos, não com ilusões antropomórficas, mas com um amor ordenado, e os irredimíveis e tacanhos homens urbanos, para quem um cavalo é somente um meio de transporte ultrapassado. Eles terão perdido a oportunidade de desfrutar momentos de prazer com seus pôneis e seus cães; terão recebido um incentivo à crueldade ou à negligência; e terão aprendido a se deleitar na própria esperteza. Pois essa é a lição de inglês do dia, ainda que de inglês ela nada ensine. Outra pequena porção da herança humana lhes foi sorrateiramente tomada antes que eles tivessem idade suficiente para compreender.

Até agora, tenho suposto que professores como Gaius e Titius não percebem inteiramente o que estão fazendo e que não têm o intuito consciente de atingir as conseqüências de grande alcance que de fato desencadeiam. Há, é claro, outra possibilidade. Aquilo que eu chamei (supondo que eles comunguem de um certo sistema de valores tradicional) de "primata de calças" e de "tacanho homem urbano" pode ser precisamente o tipo de homem que eles querem produzir. As nossas diferenças podem ser irredutíveis. Pode ser que eles de fato sustentem que os sentimentos humanos comuns em relação ao passado ou aos animais ou às grandes cachoeiras são contrários à razão e desprezíveis, e devem por isso ser erradicados. A intenção deles pode ser a de varrer para longe os valores tradicionais e dar início a um novo repertório. Essa posição será discutida mais adiante. Se essa é a posição defendida por Gaius e Titius, devo me contentar por enquanto em apontar que ela é uma posição filosófica, e não literária. Ao fazer desse o assunto de seus livros, eles foram injustos com os pais ou pedagogos, que compraram a obra de filósofos amadores quando esperavam a obra de gramáticos profissionais. Um sujeito ficaria chateado se o seu filho voltasse do dentista com os dentes intocados e com a cabeça abarrotada dos obiter dicta do dentista sobre o bimetalismo ou sobre a teoria de Bacon.

Mas duvido de que Gaius e Titius tenham realmente planejado usar o ensino de inglês como disfarce para propagar sua filosofia. Creio que eles foram cair nesse assunto pelas seguintes razões. Em primeiro lugar, fazer crítica literária é difícil, e o que eles fazem é muito mais fácil. Explicar por que um tratamento infeliz de alguma emoção humana primária constitui má literatura, se excluirmos os ataques falaciosos à emoção em si mesma, é uma tarefa difícil de ser empreendida. Mesmo o Dr. Richards, que foi o primeiro a se debruçar sobre o problema da má qualidade literária, fracassou, creio eu, em sua tentativa. Já "desmascarar" a emoção com base num lugar-comum racionalista está ao alcance de qualquer um. Em segundo lugar, creio que Gaius e Titius sinceramente entenderam errado a urgente necessidade pedagógica do nosso tempo. Eles vêem o mundo ao redor dominado pela propaganda emotiva – aprenderam com a tradição que a juventude é sentimental – e concluem que a melhor coisa a fazer é fortalecer a mente dos jovens contra a emotividade. A minha própria experiência como professor me ensina justamente o

---

pouco nos ajuda a pôr isso em prática. No entanto, é preciso fazer justiça e lembrar que, na minha opinião, essa obra está num nível bem superior ao do Livro verde.

[8] Ibid., p. 9.

contrário. Pois, para cada aluno que precisa ser resguardado de um leve excesso de sensibilidade, existem três que precisam ser despertados do sono da fria vulgaridade. O dever do educador moderno não é o de derrubar florestas, mas o de irrigar desertos. A defesa adequada contra os sentimentos falsos é inculcar os sentimentos corretos. Ao sufocar a sensibilidade dos nossos alunos, apenas conseguiremos transformá-los em presas mais fáceis para o ataque do propagandista. Pois a natureza agredida há de se vingar, e um coração duro não é uma proteção infalível contra um miolo mole.

Mas existe uma terceira e mais profunda razão para a opção feita por Gaius e Titius. É possível que eles admitam que uma boa educação deve moldar alguns sentimentos e extirpar outros. Pode ser até que estejam empenhados em fazê-lo. Mas é impossível que obtenham bons resultados. Façam o que fizerem, é o lado "desmascarados" da sua obra, e somente ele, que vai ser determinante. Para demonstrar a necessidade disso serei obrigado a desviar-me um pouco do assunto e mostrar que aquilo que podemos chamar de "a difícil situação educacional de Gaius e Titius" é algo bem diferente da de todos os seus predecessores.

Até bem recentemente, todos os professores, e os homens em geral, acreditavam que o universo tinha uma natureza tal que nossas reações emocionais poderiam tanto ser congruentes como incongruentes em relação a ele – acreditavam, na verdade, que os objetos não são meros receptores, mas podem merecer nossa aprovação ou desaprovação, nossa reverência ou nosso desprezo. Coleridge acreditava que a natureza inanimada era de tal forma que determinadas reações poderiam ser mais "justas" ou "adequadas" ou "apropriadas" do que outras – e essa é evidentemente a razão pela qual ele concordou com o turista que chamou a queda-d'água de sublime e discordou do que a chamou de bonita. E ele acreditava (com razão) que os turistas também pensavam assim. O homem que chamou a queda-d'água de sublime não tinha simplesmente a intenção de descrever as suas próprias emoções: ele também afirmava que o objeto merecia a tais emoções. Se não fosse assim, não haveria nada com o que concordar ou do que discordar nessa afirmação. Discordar da frase Isso é bonito, se essas palavras simplesmente expressassem os sentimentos de uma pessoa, seria absurdo: se o turista tivesse dito Sinto-me mal, Coleridge certamente não teria retrucado Não; eu me sinto muito bem. Shelley assume a mesma posição quando, tendo comparado a sensibilidade humana com uma lira eólica, vai adiante e diz que aquela difere desta por possuir uma capacidade de "ajuste interno" que lhe permite "acomodar suas cordas aos movimentos daquilo que as tange"[9]. "Pode um homem ser justo", pergunta Traherne, "a menos que seja justo ao outorgar a cada coisa a estima devida? Todas as coisas foram feitas para ser nossas e nós fomos feitos para apreciá-las de acordo com seus valores."[10]

Santo Agostinho define a virtude como ordo amoris – a disposição ordenada das afeições, na qual cada objeto corresponde ao grau de amor que lhe é apropriado[11]. Aristóteles diz que o objetivo da educação é fazer com que o aluno goste e desgoste do que é certo gostar e desgostar[12]. Quando a idade do pensamento reflexivo chegar, o aluno assim treinado nas "afeições ordenadas" ou nos "justos sentimentos" facilmente encontrará os primeiros princípios na Ética; mas o homem corrupto não poderá enxergá-los e não fará nenhum progresso nessa ciência[13]. Platão, antes dele, já havia dito o mesmo. O

---

[9] Defence of Poetry.
[10] Centuries of Meditations, i, 12.
[11] De Civ. Dei, XV. 22. C£ ibid. ix. 5, xi. 28.
[12] Eth. Nic. 1104 B.
[13] Ibid. 1095 B.

animalzinho humano não terá logo de cara as reações certas. Ele deve ser treinado para sentir prazer, agrado, repulsa e ódio em relação às coisas que realmente são prazerosas, agradáveis, repulsivas e odiáveis[14]. Na República, o jovem bem-educado é "aquele que veria com maior clareza o que há de errado em obras humanas imperfeitas ou em obras incompletas da natureza, e com uma justa aversão censuraria e odiaria o feio mesmo em sua juventude, e elevaria aprazíveis louvores à beleza, recebendo-a em sua alma e sendo nutrido por ela, de modo que se torne um homem de coração gentil. Tudo isso antes que ele alcance a idade da razão; de modo que, quando a Razão por fim lhe chegar, então, com a criação que recebeu, ele abrirá seus braços para lhe dar as boas-vindas e a reconhecerá por causa da afinidade que tem por ela"[15]. No hinduísmo primitivo, a conduta dos homens que podem ser chamados bons consiste na conformidade à – ou quase na participação na – Rta, o grande rito ou modelo do natural e do sobrenatural que se revela do mesmo modo na ordem do cosmos, nas virtudes morais e nas cerimônias do templo. A retidão, a correção, a ordem, a Rta são constantemente identificadas com satya ou a verdade, correspondência com a realidade. Tal como Platão dizia que o Bem está "além da existência' e Wordsworth dizia que pela virtude as estrelas são fortes, assim também os mestres indianos dizem que os próprios deuses nascem da Rta e obedecem a ela[16].

Os chineses também falam de um grande ente (o maior dos entes) chamado Tao. Ele é a realidade além de todos os atributos, o abismo que era antes do Próprio Criador. Ele é a Natureza, é a Via, o Caminho. É a Via pela qual o universo prossegue, a Via da qual tudo eternamente emerge, imóvel e tranqüilamente, para o espaço e o tempo. É também a Via que todos os homens deveriam trilhar, imitando essa progressão cósmica e supracósmica, amoldando todas as atividades a esse grande modelo[17]. "No ritual", dizem os Analectos, "é a harmonia com a Natureza que é louvada."[18] Os antigos judeus igualmente louvavam a Lei como "verdadeira"[19].

A bem da brevidade, de agora em diante vou me referir a essa concepção, em todas as suas formas – platônica, aristotélica, estóica, cristã e oriental –, simplesmente como "o Tao". Algumas das suas descrições que acabo de citar podem a muitos parecer meramente exóticas ou mesmo mágicas. Mas há entre elas algo em comum que não pode ser negligenciado. É a doutrina do valor objetivo, a convicção de que certas posturas são realmente verdadeiras, e outras realmente falsas, a respeito do que é o universo e do que somos nós. Aqueles que conhecem o Tao podem afirmar que chamar uma criança de graciosa e um ancião de venerável não é simplesmente registrar um fato psicológico sobre nossas momentâneas emoções paternas ou filiais, mas reconhecer uma qualidade que exige de nós uma certa resposta, quer a demos, quer não. De minha parte, não aprecio a companhia das crianças pequenas, mas, uma vez que falo de dentro do Tao, reconheço nisso um defeito meu – da mesma forma como um homem pode reconhecer-se daltônico ou desprovido de ouvido musical. E, uma vez que nossas aprovações e desaprovações são

---

[14] Das leis, 653.
[15] A República, 402 A.
[16] A. B. Keith, s.v. "Righteousness (Hindu)" Enc. Religion and Ethics, vol. x.
[17] Ibid., vol. ii, p. 454 B; iv. 12 B; ix. 87 A.
[18] The Analects of Confucius, trans. Arthur Waley, Londres, 1938, i. 12.
[19] Salmo 119: 151. A palavra é emeth, "verdade". Onde o Satya dos indianos dá ênfase à verdade como "correspondência", emeth (ligada a um verbo que significa "ser estável") dá ênfase antes à confiabilidade ou credibilidade da verdade. Fidelidade e permanência são sugeridas pelos hebraístas como traduções alternativas. Emeth é aquela que não ilude, não "cede", não muda, aquela que contém as águas. (Ver T. K. Cheyne na Encyclopedia Bíblica, 1914, s.v. "Truth".)

assim reconhecimentos do valor objetivo ou respostas a uma ordem objetiva, os estados emocionais podem portanto estar em harmonia com a razão (quando sentimos afeição por aquilo que merece aprovação) ou em desarmonia com ela (quando percebemos que a afeição é merecida mas não conseguimos senti-la). Nenhuma emoção e, em si mesma, um julgamento; nesse sentido, todas as emoções e sentimentos são alógicos. Mas eles podem ser razoáveis ou irrazoáveis na medida em que se conformam à Razão ou não conseguem conformar-se. O coração nunca toma o lugar da cabeça, mas ele pode, e deve, obedecer-lhe.

O mundo do Livro verde ergue-se inteiramente contra isso. Nele, a própria possibilidade de um sentimento ser razoável — ou mesmo irrazoável — foi excluída desde o princípio. Pois uma coisa só pode ser razoável ou irrazoável se está em conformidade ou em desconformidade com alguma outra coisa. Dizer que a queda-d'água é sublime significa dizer que a nossa emoção de humildade é apropriada ou ordenada à realidade, e portanto falar de algo além das emoções, assim como dizer que o sapato me serve, é falar não só do sapato, mas também dos meus pés. Mas essa referência a algo para além da emoção é o que Gaius e Titius excluem de todas as frases que contêm uma atribuição de valor. Essas afirmações, para eles, referem-se unicamente à emoção. Assim, a emoção, considerada por si própria, não pode estar nem em concordância nem em discordância com a Razão. Ela é irracional não da forma como um paralogismo é irracional, mas como um evento físico é irracional: ele não chega a se elevar nem mesmo à dignidade do erro. Sob esse ponto de vista, o mundo dos fatos, sem nenhum traço de valor, e o mundo dos sentimentos, sem nenhum traço de verdade ou falsidade, justiça ou injustiça, se enfrentam mutuamente, e nenhum rapprochement é possível.

Portanto, o problema educacional é completamente diferente dependendo da posição que se adota: dentro ou fora do Tao. Para aqueles que estão dentro, a tarefa é treinar os alunos para que desenvolvam as reações em si mesmas apropriadas, quer eles as tenham quer não, e construir aquilo que constitui a verdadeira natureza humana. Aqueles que estão fora, se agirem com lógica, deverão considerar todos os sentimentos como igualmente não-racionais, como meras névoas entre nós e os objetos reais. Em conseqüência, eles devem ou se empenhar em remover todos os sentimentos, tanto quanto possível, da mente dos alunos, ou então encorajar sentimentos por razões que nada têm a ver com sua "justiça" ou "pertinência" intrínsecas. Esta última opção os compromete com o questionável processo de criar nos outros, por "sugestão" ou por feitiço, uma miragem que suas próprias capacidades racionais já conseguiram dissipar.

Talvez isso fique mais claro se tomarmos um exemplo concreto. Quando um pai romano dizia a seu filho que era doce e digno morrer por sua pátria, ele acreditava no que dizia. Estava comunicando ao filho uma emoção de que ele próprio partilhava e que estava de acordo com o valor que via numa morte honrada. Estava dando ao menino o melhor de si, dando algo do seu espírito para humanizá-lo, da mesma forma como já havia dado algo do seu corpo para gerá-lo. Mas Gaius e Titius não podem crer que, ao chamar uma morte assim de doce e digna, estivessem dizendo "algo importante sobre alguma coisa". Seu próprio método de desmascaramento se voltaria contra eles caso tentassem fazê-lo. Pois a morte não é algo comestível e portanto não pode ser dulce num sentido literal, e é improvável que as sensações que vão na realidade precedê-la sejam dulce, mesmo numa analogia. E assim também com decorum — que não passa de uma palavra que descreve o sentimento de algumas pessoas ao se recordar dessa morte, coisa que não vai acontecer com muita freqüência e que certamente não trará nenhuma vantagem ao morto. Só existem duas possibilidades para Gaius e Titius. Ou bem eles irão até o fim e desmascararão esse

sentimento como qualquer outro, ou bem se empenharão em produzir, desde fora, um sentimento que crêem desprovido de valor para o aluno e que pode custar-lhe a vida, somente porque é útil para nós (os sobreviventes) que os jovens pensem assim. Se eles optarem por esse caminho, a diferença entre a educação antiga e a nova será muito significativa. Enquanto a antiga promovia uma iniciação, a nova apenas "condiciona". A antiga lidava com os alunos da mesma maneira como os pássaros crescidos lidam com os filhotes quando lhes ensinam a voar; a nova lida com eles mais como o criador de aves lida com os jovens pássaros — fazendo deles alguma coisa com propósitos que os próprios pássaros desconhecem. Em suma, a educação antiga era uma espécie de propagação — homens transmitindo a humanidade para outros homens; a nova é apenas propaganda.

Deve-se alegar em favor de Gaius e Titius que a sua opção é pela primeira alternativa. Eles abominam a propaganda: não porque sua filosofia leve a essa condenação (ou a qualquer outra coisa), mas porque eles são melhores que os seus próprios princípios. É provável que tenham alguma vaga idéia (questão que vou examinar na minha próxima lição) de que o valor, a boa-fé e a justiça possam ser recomendados ao aluno com base naquilo que eles chamam de preceitos "racionais" ou "biológicos" ou "modernos", caso isso seja necessário. Enquanto isso, deixam pendente a questão e seguem tratando de desmascarar.

Mas esse caminho, embora menos inumano, não é menos desastroso que a alternativa da propaganda cínica. Suponhamos por um momento que as virtudes mais árduas realmente pudessem justificar-se teoricamente sem nenhum apelo ao valor objetivo. Ainda assim continua sendo verdade que nenhuma justificação da virtude habilita um homem a ser virtuoso. Sem a ajuda das emoções treinadas, o intelecto permanece impotente diante do organismo animal. Eu preferiria jogar cartas contra um homem que fosse inteiramente cético em relação à ética, mas que tivesse sido criado para acreditar que "um cavalheiro não trapaceia", do que contra um irrepreensível filósofo moral que tenha crescido entre vigaristas. Numa batalha, não são os silogismos que vão manter os relutantes nervos e músculos em seus postos na terceira hora de bombardeio. O mais rude sentimentalismo (do tipo que Gaius e Titius abominam) em relação a uma bandeira, país ou regimento será bem mais útil. Isso nos foi dito há muito tempo por Platão. Assim como o rei governa por seus delegados, também a Razão no homem deve dominar os simples apetites fazendo uso do "elemento vigoroso"[20]. A cabeça domina o estômago por meio do peito — que é o trono, como nos disse Alanus, da Magnanimidade[21], das emoções transformadas em sentimentos estáveis pelo hábito treinado. O Peito, a Magnanimidade, o Sentimento — esses são os indispensáveis dignitários de ligação entre o homem cerebral e o homem visceral. Pode-se dizer mesmo que é por esse elemento intermediário que o homem é homem, pois pelo seu intelecto ele é apenas espírito, e pelo seu apetite ele é apenas animal.

A operação do Livro verde e seus semelhantes é produzir o que podemos chamar de Homens sem Peito. É abominável que não raro dêem a isso o nome de Intelectuais. Isso lhes dá a chance de dizer que quem os ataca, está atacando a Inteligência. Não é verdade. Eles não se distinguem dos demais homens por uma habilidade especial para encontrar a verdade nem por um ardor insuperável ao persegui-la. Seria de fato estranho se assim fossem: uma perseverante devoção à verdade, um sentido agudo de honra intelectual não podem ser mantidos por muito tempo sem a ajuda dos sentimentos que Gaius e Titius

[20] A República, 442 B, C.
[21] Alanus ab Insulis. De Planou Naturae Prosa, iii.

desmascarariam com a facilidade habitual. Não é o excesso de pensamento que os caracteriza, mas uma carência de emoções férteis e generosas. Suas cabeças não são maiores que as comuns: é a atrofia do peito logo abaixo que faz com que pareçam assim.
E todo o tempo — tal é o caráter tragicômico da nossa situação — continuamos a clamar por essas mesmas qualidades que tornamos impossíveis. Mal podemos abrir um periódico sem topar com a afirmação de que nossa civilização precisa de mais "ímpeto", ou dinamismo, ou auto-sacrifício, ou "criatividade". Numa espécie de mórbida ingenuidade, extirpamos o órgão e exigimos a sua função. Produzimos homens sem peito e esperamos deles virtude e iniciativa. Caçoamos da honra e nos chocamos ao encontrar traidores entre nós. Castramos e ordenamos que os castrados sejam férteis.

2
O CAMINHO

É sobre o Tronco que um cavalheiro deve trabalhar
Confúcio, Analectos, 1.2

O resultado prático da educação feita nos moldes propostos pelo Livro verde será inevitavelmente a destruição da sociedade que a aceitar. Mas isso não constitui necessariamente uma refutação da teoria do subjetivismo de valores. A verdadeira doutrina poderia ser tal que, uma vez aceita, nos levaria à morte. Ninguém que fale de dentro do Tao pode rejeitar uma teoria baseando-se nisso: εν δε φαει ολεσσου. Mas ainda não chegamos a esse ponto. Existem sim problemas teóricos na filosofia de Gaius e Titius.

Não importa o quão subjetivistas sejam em relação a certos valores tradicionais, Gaius e Titius mostraram, pelo simples fato de terem escrito O livro verde, que existem valores que para eles nada têm de subjetivos. Afinal, eles escrevem com o intuito de produzir determinados estados mentais nas novas gerações; portanto, ou consideram esses estados mentais intrinsecamente bons e justos, ou então certamente crêem-nos meios de alcançar uma sociedade que julgam desejável. Não seria difícil inferir de várias passagens do Livro verde qual é o ideal para o qual trabalham. Mas não é preciso fazê-lo. A questão central não é a natureza precisa dessa finalidade, mas o próprio fato de haver uma finalidade. Ela tem de existir, ou então o livro (que é uma obra fundamentalmente prática) não teria nenhuma razão de ser. E essa finalidade tem de ser muito valiosa a seus olhos. Seria um subterfúgio nos esquivarmos de designá-la com o termo "boa", recorrendo em vez disso a atributos como "necessária", progressista' ou "eficiente". Eles seriam for çados pela lógica a responder às perguntas: "necessário para quê?", "progressista em direção a quê?", "eficaz em quê?". Em última instância, eles teriam de reconhecer que, em sua opinião, algum estado de coisas é bom em si mesmo. E dessa vez não poderiam afirmar que o termo "bom" simplesmente descreve as emoções que sentem. Pois todo o propósito do livro é condicionar o jovem leitor a partilhar de certas opiniões; e, a não ser que eles sustentem que essas opiniões são em certa medida valorosas ou corretas, esse seria um empreendimento descabido ou mesmo malévolo.

A bem da verdade, veremos que Gaius e Titius defendem, com um dogmatismo inteiramente acrítico, todo o sistema de valores que estava em voga entre os jovens de classe média de instrução mediana durante o período entre as duas grandes guerras[22]. O

---

[22] A verdadeira (e talvez inconsciente) filosofia de Gaius e Titius torna-se clara se comparamos as duas seguintes listas de coisas aprovadas e desaprovadas.

A. Desaprovadas: O apelo de uma mãe para que seu filho seja "corajoso" é "absurdo" (O 11- vro verde, p. 62). O sentido da palavra "cavalheiro" é "extremamente vago" (ibid.). "Chamar um homem de covarde nada nos diz sobre as suas ações" (p. 64). Sentimentos a respeito de um país ou de um império são sentimentos "a respeito de nada em especial" (p. 77).

B. Aprovadas: Aqueles que preferem as artes de paz às artes de guerra (não é dito em quais circunstâncias) são aqueles que "podemos chamar de homens sábios" (p. 65). Espera-se do aluno que "acredite numa vida comunitária democrática" (p. 67). "O contato com as idéias de outros povos é, conforme sabemos, saudável" (p. 86). A razão da existência dos banheiros ("que é mais saudável e mais agradável conviver com as pessoas quando elas estão limpas") é "demasiado óbvia para que precisemos mencioná-la" (p. 142). Podemos ver que conforto e segurança, tal como se manifestam nas ruas dos bairros residenciais em tempos de paz, são os valores supremos: as únicas coisas que podem produzir ou espiritualizar o conforto e a segurança são ridicularizadas. Só de pão vive o homem, e a fonte suprema do pão é a carroça do padeiro: a paz é mais importante que a honra, e pode ser mantida pelos expedientes de xingar coronéis e ler jornais.

ceticismo em relação aos valores é apenas superficial, sendo válido apenas para os valores alheios; eles não são muito céticos em relação aos valores correntes em seus próprios meios. E esse fenômeno é bastante comum. Muitos dos que "desmascaram" os valores tradicionais ou (como eles dizem) "sentimentais" têm no fundo valores próprios, que crêem imunes a desmascaramentos semelhantes. Alegam estar cortando pela raiz o crescimento parasitário da emoção, da autoridade religiosa, de tabus herdados, para que os valores "verdadeiros" ou "autênticos" possam emergir. Tentarei agora descobrir o que acontece quando se tenta empreender isso a sério.

Continuemos a usar o exemplo anterior, da morte por uma boa causa – não que a virtude seja o único valor, e o martírio a única virtude, é claro; mas tomaremos o exemplo por ser ele o experimentam crucis que lança uma luz esclarecedora sobre os diferentes sistemas de pensamento. Suponhamos que um Inovador em matéria de valores considere o dulce et decoram e o homem nenhum tem amor maior como sentimentos meramente irracionais que devem ser eliminados se quisermos descer até as bases "realísticas" ou "autênticas" desse valor. Onde ele irá encontrar tais bases?

Antes de mais nada, é possível que ele diga que o verdadeiro valor reside na utilidade desse sacrifício para a comunidade. Ele pode dizer: "Bom é aquilo que é útil para a comunidade." Mas é claro que a morte de toda a comunidade não é útil para a comunidade, e sim somente a morte de alguns dos seus membros. O que no fundo está sendo dito é que a morte de alguns homens é útil para outros homens. E isso é a pura verdade. Mas com base em que se pede a alguns homens que morram pelo bem dos outros? Está excluído por hipótese todo e qualquer apelo ao orgulho, à honra, à vergonha ou ao amor. Usar algum desses conceitos seria retornar aos sentimentos, e a tarefa do Inovador é arrancá-los todos pela raiz e em seguida explicar aos homens, baseando-se unicamente na racionalidade, por que razão devem morrer pelos seus semelhantes. Ele pode dizer: "A menos que alguns de nós se arrisquem a morrer, todos nós certamente morreremos." Mas isso só valerá para um número limitado de casos; e, mesmo nos casos em que isso for válido, levanta-se a razoabilíssima objeção: "Por que logo eu deveria ser um dos que se arriscam?"

A essa altura, o Inovador pode perguntar por que, afinal de contas, o egoísmo seria mais "racional" ou "inteligente" que o altruísmo. A pergunta é pertinente. Se por Razão entendermos o processo de fato usado por Gaias e Titias em seus desmascaramentos (isto é, a associação lógica de proposições, em última análise retiradas dos dados dos sentidos, com proposições posteriores), então a resposta deverá ser que o egoísmo não é mais racional que o sacrifício, tampouco menos racional. Nenhuma das duas opções é racional – ou irracional – de maneira nenhuma. De proposições retiradas somente de fatos não é jamais possível tirar nenhuma conclusão prática. A enunciação A preservação da sociedade depende disso não pode levar ao imperativo faça isso, exceto se for mediada por outra enunciação, qual seja: a sociedade deve ser preservada. Da mesma forma, Isso irá custar a sua vida não pode levar diretamente a não faça isso: somente pelo intermédio de um desejo ou por um reconhecido dever de autopreservação. O Inovador tenta chegar a uma conclusão de teor imperativo a partir de uma premissa de teor indicativo, e, mesmo que siga tentando por toda a eternidade, não vai conseguir, pois seria impossível. Temos aqui, portanto, duas opções: uma delas é ampliar a acepção da palavra Razão, incluindo nela aquilo que nossos ancestrais chamavam de Razão Prática e admitindo com isso que juízos como a sociedade tem de ser preservada não são meros sentimentos, mas proposições racionais em si mesmas (embora eles não possam se sustentar por nenhuma das razões exigidas por Gaius e Titius); a outra opção é desistir de uma vez por todas da tentativa de

encontrar uma essência de valor "racional" por trás de todos os sentimentos que desmascaramos. O Inovador não optará pela primeira alternativa, pois os princípios práticos, conhecidos por todos os homens pelo uso da Razão, são simplesmente o Tao que ele queria suplantar. É mais provável que ele desista da busca pela essência "racional" e passe a procurar outras bases mais "fundamentais" e "realísticas".

E ele provavelmente crerá que tais bases podem ser encontradas no Instinto. Dirá que preservação da sociedade, e mesmo da própria espécie, é finalidade que não depende do precário fio da Razão: é dada pelo Instinto. É por isso que é desnecessário discutir com aqueles que discordam. Todos nós temos um impulso instintivo de preservar a nossa própria espécie. E é por isso que os homens devem trabalhar pela posteridade. Não temos nenhum impulso instintivo de cumprir promessas ou de respeitar a vida individual: é por isso que escrúpulos de justiça e humanidade – o Tao, em outras palavras – podem ser devidamente varridos para longe quando entram em conflito com o nosso verdadeiro fim, a preservação da espécie. É por isso, novamente, que as circunstâncias modernas permitem e requerem uma nova moral sexual: os velhos tabus desempenhavam um papel importante pela preservação da espécie, mas métodos dos contraceptivos modificaram a situação, de modo que podemos agora abandonar muitos desses tabus. Pois é claro que o desejo sexual, sendo instintivo, deve ser satisfeito sempre que não estiver em conflito com a preservação da espécie. Parece, de fato, que uma ética baseada no instinto vai dar ao Inovador tudo o que ele quer e livrá-lo de tudo o que não quer.

Na verdade, não fizemos com isso avanço nenhum. Não vou insistir na tese de que Instinto é um nome que damos às coisas que desconhecemos (dizer que os pássaros migram para o lugar certo por instinto é apenas dizer que não sabemos como os pássaros migram para o lugar certo), pois creio que o termo está sendo usado aqui numa acepção razoavelmente definida, em que significa um impulso irrefletido e espontâneo que geralmente aparece em membros de uma certa espécie. De que maneira o Instinto, assim concebido, nos ajuda a encontrar os valores "autênticos"? Afirma-se que estamos fadados a obedecer ao Instinto, que não podemos agir de outro modo? Mas, se é assim, por que livros como O livro verde e assemelhados são escritos? Por que tamanho esforço de exortação para nos levar ao lugar para o qual iríamos de qualquer jeito? Por que tamanho louvor por aqueles que se submeteram ao inevitável? Ou será que se afirma que ao obedecer ao Instinto ficaremos felizes e satisfeitos? Mas a própria questão que estávamos analisando era a de encarar a morte, com a qual (pelo que sabe o Inovador) cessa toda e qualquer possibilidade de satisfação. Portanto, se tivermos um desejo instintivo pelo bem da posteridade, esse desejo não poderá nunca ser satisfeito, uma vez que ele só será alcançado, na melhor das hipóteses, quando estivermos mortos. Ao que parece, o Inovador não diria que estamos fadados a obedecer ao Instinto, tampouco que obteremos satisfação ao fazê-lo. Diria, isso sim, que temos o dever de obedecer-lhe [23].

[23] De todas as que pude conhecer, a tentativa mais agressiva de construir uma teoria do valor com base na "satisfação dos impulsos" foi a do Dr. 1. A. Richards (Principies of Literary Criticism, 1924). A antiga objeção à identificação entre Valor e Satisfação está expressa no juízo de valor universal segundo o qual "é melhor ser Sócrates insatisfeito do que um porco satisfeito". Para combater tal juizo o Dr. Richards esforça-se por mostrar que nossos impulsos podem ser dispostos numa hierarquia e que alguns prazeres podem ser preferidos a outros, sem que se faça nenhum apelo a qualquer critério diferente da própria satisfação. Ele o afirma com base na doutrina que diz que alguns impulsos são mais "importantes" que outros — um impulso importante é aquele cuja frustração acarreta a frustração de outros impulsos. Uma boa sistematização (i.e., uma boa vida) consiste na satisfação de tantos impulsos quanto possível, o que necessariamente implica a satisfação dos "importantes" à custa dos "pouco importantes". As objeções a esse esquema me parecem ser duas:

Mas por que deveríamos fazê-lo? Por acaso há algum outro instinto de ordem superior que nos obrigue a isso, e um terceiro instinto, de uma ordem ainda superior, que nos obrigue a obedecer ao anterior? Uma série infinita de instintos? Isso é presumivelmente impossível, mas é a única resposta aceitável. De uma afirmação sobre um fato psicológico, como "tenho um impulso de fazer isso e aquilo", não podemos ingenuamente inferir o princípio prático "eu tenho de obedecer a esse impulso". Seria possível afirmar que os homens têm um impulso espontâneo e irrefletido de sacrificar a própria vida pela preservação dos seus semelhantes; mas mesmo assim restaria a questão, completamente diferente, de saber se esse é um dos impulsos que devem ser controlados ou um daqueles a que devemos ceder. Pois mesmo o Inovador reconhece que muitos impulsos (aqueles que se chocam com a preservação da espécie) têm de ser controlados. E esse reconhecimento certamente nos traz uma dificuldade ainda mais fundamental.

Dizer que devemos obedecer ao Instinto é como dizer que devemos obedecer às "pessoas". As pessoas dizem coisas diferentes, e assim também os instintos. Nossos instintos estão em guerra. Se afirmássemos que o instinto de preservação da espécie deve sempre ser atendido em detrimento de todos os outros, de onde estaríamos tirando essa regra de primazia? Ouvir o clamor desse instinto e decidir em seu favor seria um tanto simplório. Cada instinto, se o ouvirmos atentamente, clamará por ser atendido à custa de todos os outros. Pelo simples fato de ouvirmos um deles e não os demais, estaremos fazendo um julgamento prévio da questão. Se não trouxermos ao exame dos nossos instintos um conhecimento comparativo das suas dignidades, nunca1 0 caminho 1
poderemos deduzi-lo a partir deles próprios. E esse conhecimento não pode ser ele mesmo instintivo: o juiz não pode ser uma das partes julgadas; ou, caso fosse, a decisão não teria nenhuma validade e não haveria por que situar a preservação da espécie acima da autopreservação ou do apetite sexual.

É muito persistente a idéia de que é possível encontrar bases para preferir um dos instintos sem apelar a nenhuma instância superior a eles próprios. Nós nos agarramos a termos inúteis: damos a ele o nome de "básico", ou "fundamental", ou "primevo", ou "profundo". De nada adianta. Ou bem essas palavras encobrem um juízo de valor

---

(1) Sem uma teoria da imortalidade não resta lugar para o valor da morte honrada. Pode-se dizer, é claro, que um homem que tenha salvado a sua vida com um ato de traição vai sofrer de frustração pelo resto da vida. Mas certamente não com a frustração de todos os seus impulsos. Enquanto isso, o morto não terá a satisfação de nenhum impulso. Ou será que afirmarão que, por não ter nenhum impulso frustrado, o morto está em situação melhor que a do homem vivo e desgraçado? Isso já nos leva à segunda objeção.

(2) O valor em uma sistematização deve ser julgado pela presença de satisfação ou pela ausência de insatisfação? O caso extremo é o do homem morto cujas satisfações e insatisfações (do ponto de vista moderno) são iguais a zero, contra o traidor que ainda pode comer, beber, dormir, coçar-se e copular, mesmo que não possa mais desfrutar da amizade ou do amor ou do respeito próprio. Mas o problema surge também em outros níveis. Suponhamos que A tenha apenas 500 impulsos e que todos sejam satisfeitos, e que B tenha 1200 impulsos, dos quais 700 sejam satisfeitos e 500 sejam frustrados: qual deles realiza a melhor sistematização? Não há dúvida sobre qual das duas opções o Dr. Richards realmente prefere — ele chega a louvar a arte por nos deixar "inconformados" com a vulgaridade comum! (op. cit., p. 230). O único indício de um embasamento filosófico que eu consigo ver nessa escolha é a afirmação de que, "quanto mais complexa é uma atividade, mais consciente ela C (p. 109). Mas, se a satisfação é o único valor que existe, por que o aumento da consciência seria algo bom? Pois a consciência é a condição de todas as insatisfações, bem como de todas as satisfações. O sistema do Dr. Richards não oferece nenhum fundamento para a sua (e nossa) preferência pela vida civilizada em detrimento da vida selvagem, ou pelo humano em detrimento do animal — ou mesmo pela vida em detrimento da morte.

sobreposto ao instinto – e portanto não derivado dele –, ou então elas meramente registram a intensidade com que os sentimos, a freqüência do seu funcionamento e a amplitude do seu alcance. Se a opção for a primeira, a tentativa de basear o valor no instinto terá sido abandonada; se for a segunda, tais observações sobre os aspectos quantitativos de um fato psicológico não levarão a nenhuma conclusão prática. É o velho dilema. Ou as premissas já traziam em si um imperativo, ou a conclusão segue sendo meramente um indicativo[24].

Por fim, vale a pena perguntar se de fato existe algum instinto de preocupação com a posteridade ou com a preservação da espécie. Eu não sou capaz de encontrá-lo em mim mesmo, e no entanto sou uma pessoa propensa a pensar no futuro remoto — uma pessoa capaz de obter prazer lendo o Sr. Olaf Stapledon*. Acho ainda menos provável que a maioria das pessoas que se sentaram ao meu lado em bondes ou que estavam comigo em filas por aí sentissem um impulso irracional de fazer qualquer coisa pela espécie ou pela posteridade. Somente as que receberam um tipo específico de educação poderiam chegar a ter em mente a idéia de "posteridade". É difícil atribuir ao instinto a nossa atitude diante de um objeto que somente existe para homens propensos à reflexão. O impulso que temos naturalmente é, isso sim, o de proteger nossos filhos e netos, impulso este que se torna mais tênue à medida que a imaginação entra em cena e que finalmente desaparece no "deserto da posteridade". Nenhum pai guiado por tal instinto cogitaria nem sequer por um instante defender os interesses dos seus descendentes hipotéticos contra os dos bebês chorando e esperneando no quarto ao lado. Alguns dos adeptos do Tao podem, talvez, dizer que seria esse o seu dever, mas isso não vale para os que crêem que o instinto é a fonte de todos os valores. Conforme passamos do amor materno para o planejamento racional do futuro, passamos do domínio do instinto para o da escolha e da reflexão; e, se o instinto é a

---

[24] Os expedientes desesperados aos quais um homem pode recorrer quando tenta basear valor em fato estão bem exemplificados no livro Science and Ethics, do Dr. C. H. Waddington. Na obra, ele explica que "a existência é a sua própria justificativa" (p. 14) e escreve: "Uma existência essencialmente evolutiva é, ela própria, a justificativa para uma evolu ção em direção a uma existência mais ampla" (p. 17). Não creio que o Dr. Waddington esteja à vontade nesse ponto de vista, já que ele se empenha em nos convencer do curso evolutivo usando três argumentos que não se baseiam na mera existência do mesmo curso. (a) Que os estágios mais avançados incluem ou "abarcam" os anteriores. (b) Que a imagem de evolução de T. H. Huxley não causa indignação se for encarada de um ponto de vista "atuarial". (e) Que, de toda forma, afinal de contas, ela não é nem de longe tão horrorosa quanto a imagem que as pessoas têm dela ("nem tão moralmente ofensiva que não possamos acená-la", p. 18). Esses três paliativos são mais creditáveis ao coração do Dr. Waddington do que ao seu cérebro, e, segundo me parece, fazem desistir da sua posição principal. Se a Evolução é louvada (ou, ao menos, justificada) com base em qualquer das suas propriedades, então estaremos usando um critério externo, e a tentativa de fazer da existência a sua própria justificativa foi abandonada. Se a tentativa é mantida, por que o Dr. Waddington se concentra na Evolução, Le., numa fase temporária da existência orgânica em um único planeta? Isso seria "geocentrismo" da sua parte. Se Bom = "qualquer coisa que a Natureza acaso esteja fazendo", então certamente deveríamos observar o que a Natureza está fazendo como uni todo; e a Natureza como um todo, creio eu, está resoluta e irreversivelmente trabalhando no sentido da extinção final de toda a vida em cada parte do universo, de maneira que a ética do Dr. Waddington, despida da sua enigmática tendência para um assunto tão provinciano quanto a biologia telúrica, nos deixaria como únicas obrigações o assassinato e o suicídio. Confesso que mesmo isso me parece uma objeção menos contundente do que a discrepância entre o primeiro princípio do Dr. Waddington e os juízos de valor de fato feitos pelos homens. Apreciar uma coisa somente porque ela acontece é na verdade cultuar o acaso, como Quisling ou os homens de Vichy. Outras filosofias mais perversas já foram tramadas, mas nenhuma tão vulgar. Estou longe de sugerir que o Dr. Waddington pratica em sua vida uma prostração tão servil ante o fait accompli. Esperemos que a obra Rasselas, cap. 22, dê a imagem certa daquilo que a sua filosofia realmente produz quando aplicada. ("O filósofo, supondo que os outros estivessem vencidos, levantou-se e partiu com o ar de um homem que houvesse cooperado com o sistema vigente.")

* Autor inglês de ficção científica que escrevia romances sobre o futuro da espécie humana. (N. do T)

fonte de todos os valores, o planejamento do futuro tem necessariamente de ser menos respeitável e obrigatório que o balbuciar do bebê, os afagos da mãe carinhosa ou as mais fantásticas histórias de dormir de um pai dedicado. Se fôssemos nos pautar pelo instinto, as coisas concretas seriam essas, e a preocupação com a posteridade não passaria de uma sombra – a imensa e trêmula sombra da felicidade do berçário projetada sobre a tela do futuro incerto. Não digo que essa projeção seja ruim, mas também não sou eu quem afirma que o instinto é a base dos juízos de valor. Absurdo seria afirmar que a preocupação com a posteridade se justifica pelo instinto e em seguida escarnecer do único instinto sobre o qual ela poderia se sustentar. Seria como arrancar a criança do seio materno para a creche, e de lá para o jardim-de-infância, em nome dos interesses do progresso e da raça vindoura.

A verdade por fim se torna evidente: o Inovador não poderá encontrar os fundamentos para um sistema de valores e nem numa operação qualquer com proposições factuais e tampouco nos apelos ao instinto. Nenhum dos princípios exigidos será encontrado aí; estão todos em outro lugar. "Tudo o que está no interior dos quatro mares é seu irmão" (xii. 5), diz Confúcio a respeito do Chün-tzu, o cuor gentil ou o cavalheiro. Humani nihil a me alienum puto*, diz o Estóico. "Tudo o que quereis que vos façam, fazei vós a eles", diz Jesus. "A Humanidade deve ser preservada", afirma Locke[25]. Todos os princípios práticos por trás da preocupação do Inovador com a posteridade, ou com a sociedade, ou imemoriais. Mas não estão em nenhum outro lugar. A não ser que reconheçamos esses princípios como sendo para o campo da ação o que os axiomas são para o campo da teoria, não será possível ter princípios práticos de maneira nenhuma. Eles não são conclusões a que chegamos: são as premissas. É possível, já que não podem ser "justificados" de maneira a silenciar Gaius e Titius, tomá-los como sentimentos: será então necessário desistir de opor o valor "real" ou "racional" ao valor sentimental. Todo valor será sentimental; e será preciso admitir (sob pena de abrir mão de todos os valores) que nem todos os sentimentos são "meramente" subjetivos. É possível, por outro lado, considerá-los tão racionais – ou melhor, como a própria racionalidade – quanto coisas tão obviamente não que não carecem de provas nem as admitem. Mas então você teria de reconhecer que a Razão pode ser prática, que não se pode esquivar de um dever simplesmente porque ele não é capaz de produzir um juízo como sua justificativa. Se nada é evidente por si, nada se pode provar. Da mesma forma, se nada é obrigatório por si mesmo, nada pode ser obrigatório.

Pode parecer a alguns que apenas dei um novo nome àquilo que sempre se chamou de instinto fundamental ou primordial. Mas há muito mais em jogo do que uma simples escolha de palavras. O Inovador ataca os valores tradicionais (o Tao) em nome daquilo que ele inicialmente supõe serem (num sentido próprio) os valores "racionais" ou "biológicos". Mas, conforme vimos, todos os valores que ele usa para atacar o Tao, e que afirma serem capazes de substituí-lo, são eles próprios derivados do Tao. Se ele tivesse realmente partido do zero, desde fora da tradição dos valores humanos, nada seria capaz de fazê-lo avançar um só centímetro na direção da idéia do sacrifício — que um homem deve morrer pela sua comunidade ou trabalhar pela posteridade. Se o Tao sai de cena, saem com ele todas essas concepções de valor. Nenhuma delas pode reivindicar qualquer autoridade diferente da do Tao. É somente a partir dos escombros do Tao que se torna possível atacá-lo. Surge então a questão: qual o pretexto apresentado para aceitar alguns dos seus fragmentos e rejeitar os demais? Pois, se os fragmentos rejeitados não têm autoridade, tampouco a têm os aceitos;

* Em latim, Nada do que é humano me é alheio. (N. do T.)
[25] Ver Apêndice.

e, se os aceitos são válidos, também o são os rejeitados.

O Inovador, por exemplo, tem em alta conta as necessidades da posteridade. Ele não pode chegar a nenhuma necessidade real da posteridade partindo dos instintos ou da razão (no sentido moderno deste termo). Na verdade, é do próprio Tao que ele está colhendo tais deveres para com a posteridade; o dever de fazer o bem a todos os homens é um axioma da Razão Prática, e o dever de fazer o bem aos nossos descendentes é claramente uma dedução a partir desse axioma. Mas então, em todas as formas do Tao que se manifestaram a nós, lado a lado com o dever para com nossos filhos e descendentes reside o dever para com nossos pais e ancestrais. Com que direito rejeitamos um e aceitamos o outro? Mais uma vez, o Inovador pode querer pôr o valor econômico em primeiro lugar. Alimentar e vestir as pessoas é a grande finalidade em questão, e os escrúpulos de justiça e boa-fé podem ser deixados de lado quando buscamos essa finalidade. É claro que o Tao concorda com ele sobre a necessidade de alimentar e vestir as pessoas. A menos que o Inovador estivesse se valendo do Tao, não poderia nunca ter chegado a esse dever. Mas pinto com ele no Tao residem aqueles deveres de justiça e boa-fé que o Inovador está disposto a desbancar. Ele se baseia em quê? É possível que ele seja um jingoísta, um adepto de filosofias racistas, um nacionalista extremo, que sustente que o progresso do seu próprio povo é o objetivo para o qual tudo o mais deve estar ordenado. Mas nenhuma observação factual e nenhum apelo ao instinto darão a ele um embasamento para essa opção. Mais uma vez, ele está na verdade retirando-a do Tao: um dever para com os nossos consangüíneos, somente porque são nossos consangüíneos, faz parte da moral tradicional. Mas junto dele no Tao, e limitando-o, estão as inflexíveis exigências de justiça e a regra segundo a qual, em última análise, todos os homens são nossos irmãos. De onde vem a autoridade do Inovador para pinçar e escolher?

Uma vez que não consigo encontrar resposta para essas perguntas, chego às seguintes conclusões. Isso a que tenho chamado por conveniência de Tao, e que outros poderiam chamar Lei Natural, Moral Tradicional, Primeiros Princípios da Razão Prática ou Primeiros Lugares-comuns, não é um entre uma série de sistemas de valores possíveis. É a única fonte possível de todos os juízos de valor. Caso seja rejeitado, todos os valores serão também rejeitados. Se qualquer valor for preservado, também ele será preservado. O intuito de refutá-lo e de erigir em seu lugar um novo sistema de valores é em si mesmo contraditório. Nunca houve, e nunca haverá, um juízo de valor radicalmente novo na história do mundo. Tudo aquilo que pretende ser um novo sistema ou (como se diz agora) uma "ideologia" consiste em fragmentos do próprio Tao, arbitrariamente arrancados de seu contexto e então hipertrofiados até a loucura em seu isolamento, mas devendo ainda ao Tao, e somente a ele, a validade que possuem. Se o meu dever para com meus pais não passa de superstição, então o mesmo vale para meus deveres em relação à posteridade. Se a justiça é uma superstição, então também o é o meu dever para com o meu país ou para com a minha raça. Se a busca do conhecimento científico é um valor verdadeiro, então também o é a fidelidade conjugal. A rebeldia das novas ideologias contra o Tao é a rebeldia dos galhos contra a árvore: se os rebeldes pudessem vencer, descobririam que destruíam a si próprios. A capacidade da mente humana para inventar novos valores não é maior do que a de imaginar uma nova cor primária, ou, na verdade, a de criar um novo sol e um novo céu no qual ele se mova.

Isso significa que nossas percepções acerca dos valores não podem jamais evoluir? Que estamos para sempre atados a um código imutável que nos foi dado de uma vez por todas? E seria possível, de qualquer modo, falar de obediência àquilo que estamos chamando de Tao? Se formos comparar, como fizemos, os sistemas morais tradicionais do

Oriente e do Ocidente – o cristão, o pagão e o judeu –, não encontraremos inúmeras contradições e mesmo alguns absurdos? Reconheço que há verdade em tudo isso. É preciso ter algum senso crítico, remover algumas contradições e até mesmo promover algumas melhoras. Mas existem duas maneiras muito diferentes de se ter senso crítico.

Um acadêmico que estude idiomas pode abordar a sua língua natal com certo distanciamento, apreciar a sua natureza como se fosse algo que nada tem a ver com ele, defendendo alterações radicais dos termos e das grafias, motivado unicamente por interesses comerciais ou por critérios científicos. Isso é uma coisa. Um grande poeta, que tenha "amado e sido bem instruído em sua língua materna', pode também promover nela grandes alterações, mas suas mudanças na língua serão feitas no espírito da própria língua: ele trabalha de dentro. A língua que se submete às mudanças foi a mesma que as inspirou. Isso é uma coisa completamente diferente – assim como as obras de Shakespeare são diferentes do inglês corriqueiro. Essa é a diferença entre a alteração vinda de dentro e a alteração vinda de fora: é a mesma que existe entre o orgânico e o cirúrgico.

Da mesma forma, o Tao comporta um desenvolvimento que vem de dentro. Existe uma diferença entre um autêntico avanço moral e uma simples inovação. Existe um avanço autêntico da máxima confuciana "Não faças com os outros o que não gostarias que fizessem contigo" para a cristã "Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam." Já a moral de Nietzsche é um exemplo de simples inovação. O primeiro caso é um avanço porque ninguém que não reconhecesse a validade da antiga máxima poderia ver uma razão para aceitar a mais recente, e qualquer um que aceitasse a antiga iria imediatamente reconhecer a mais recente como sendo uma ampliação do mesmo princípio. Caso a rejeitasse, seria por considerá-la supérflua, ou algo que foi longe demais, mas não algo simplesmente heterogêneo em relação às suas próprias idéias de valor. Mas a ética nietzschiana só poderia ser aceita se estivéssemos dispostos a descartar a moral tradicional como um simples erro, se nos puséssemos em uma posição de onde não pudéssemos encontrar nenhum fundamento para os juízos de valor. Essa é a diferença entre um homem que nos diz: "Já que você gosta de comer legumes frescos, por que não os planta no quintal para comê-los ainda mais frescos?" e um que nos diz: "Jogue fora esse pedaço de pão e experimente comer tijolos ou centopéias em vez disso."

Aqueles que compreendem o espírito do Tao, e que tenham sido norteados por esse espírito, podem modificá-lo, bastando para isso levá-lo para as direções que o próprio espírito exige. Só eles podem saber quais são essas direções. Um intruso nada pode saber sobre isso. As suas tentativas de mudança, conforme foi visto, são contraditórias. Sendo inteiramente incapaz de penetrar no espírito para harmonizar as discrepâncias literais, ele simplesmente se agarra a um preceito que tenha chamado a sua atenção por meras circunstâncias temporais e espaciais, e então o leva até as últimas conseqüências – sem que tenha nenhuma razão para tanto. É de dentro do próprio Tao que emerge a única autoridade para modificar o Tao. É isso o que Confúcio quis dizer quando afirmou que "É inútil aconselhar-se com aqueles que seguem um Caminho diferente"[26]. É por isso que Aristóteles afirmava que só aqueles que tivessem recebido boa criação poderiam obter algum êxito no estudo da ética: para o homem corrompido, o homem de fora do Tao, o próprio ponto de partida dessa ciência é invisível[27]. Um homem assim pode até ser hostil, porém jamais crítico: ele não sabe o que está sendo discutido. É por isso que também se diz

[26] Analectos, xv. 39.
[27] Eth. Nic. 1095 B, 1140 B, 1151 A.

que "Mas esta plebe, que não conhece a Lei, é maldita"[28] e "Aquele que crer será salvo"[29]. Em assuntos não cruciais, uma mente aberta pode ser útil. Mas, no que se refere aos fundamentos primordiais tanto da Razão Prática quanto da Teórica, uma mente aberta é estupidez. Se a mente de um homem é aberta em relação a esses assuntos, que ele ao menos faça o favor de ficar calado. Ele nada pode dizer que seja pertinente. Fora do Tao, não há possibilidade de crítica nem ao próprio Tao nem a mais nada.

É possível sem dúvida que em alguns casos seja uma questão sutil determinar onde termina a crítica interna legitima e onde começa a fatal crítica externa. Mas onde quer que um preceito da moral tradicional tenha sido desafiado a se justificar, como se coubesse a ele o ônus da prova, teremos feito a escolha errada. O verdadeiro reformador se esforça por demonstrar que o preceito em questão entra em conflito com algum outro preceito que ele reconhece como mais fundamental, ou que ele na verdade não encarna o juízo de valor que alega encarnar. Os ataques frontais e diretos tais como "Por quê?", "O que há de bom nisso?" ou "Quem disse?" não são jamais admissíveis; não por serem rudes ou ofensivos, mas porque nenhum valor jamais pode se justificar dessa forma. Se insistirmos nesse tipo de inquirição, acabaremos por destruir todos os valores, destruindo assim as bases da própria crítica junto com a coisa criticada. Não se deve apontar uma pistola para a cabeça do Tao. Tampouco se deve adiar a obediência a um preceito até que suas credenciais tenham sido examinadas. Somente aqueles que praticam o Tao poderão compreendê-lo. É o homem bem criado, o cuor gentil e somente ele, que é capaz de reconhecer a Razão quando ela aparece[30]. Foi somente Paulo, o Fariseu, o homem "perfeito no tocante à Lei", que foi capaz de perceber onde e como aquela Lei era deficiente[31].

Para evitar mal-entendidos, devo acrescentar que embora de minha parte eu seja um teísta, e na verdade um cristão, não estou aqui apresentando nenhum argumento indireto para o teísmo. Estou apenas argumentando que, se vamos cultivar qualquer valor, devemos aceitar as mais fundamentais obviedades da Razão Prática como absolutamente válidas: que qualquer tentativa, movida pelo ceticismo, de restabelecer valores mais profundos em bases supostamente mais "realistas" está fadada ao fracasso. Se essa posição implica ou não uma origem sobrenatural para o Tao é uma questão da qual não me ocuparei aqui.

Contudo, como podemos esperar que a mentalidade moderna aceite as conclusões a que chegamos? Afinal, esse Tao que, segundo parece, devemos tratar como algo absoluto é simplesmente um fenômeno como qualquer outro – o reflexo, na mentalidade dos nossos antepassados, do ritmo das suas plantações, talvez mesmo da sua fisiologia. já conhecemos em linhas gerais como essas coisas foram produzidas, em breve poderemos conhecê-las em detalhe, e por fim seremos capazes de produzi-las à vontade. É claro que, enquanto não sabíamos como se produziam as mentalidades, aceitamos esse aparato mental simplesmente como um dado, ou até mesmo como um mestre. Mas muitas coisas da natureza que foram nossos mestres acabaram se tornando nossos servos. Por que não a mente? Por que nossas conquistas sobre a natureza devem ser interrompidas, numa reverência descabida, ante esse pedaço persistente e derradeiro da "natureza" que tem sido até aqui chamado de consciência humana? Você nos ameaça com terríveis desastres caso esse limite seja transposto, mas fomos da mesma forma ameaçados por obscurantistas em cada passo da nossa evolução, e a ameaça mostrou-se sempre falsa. Você nos diz que não

---

[28] Jo 7:49. Isso foi dito maliciosamente, porém com mais verdade do que poderia supor quem a disse. Cf. Jo 13:51.
[29] Mc 16:6.
[30] A República, 402 A.
[31] Fp 3:6.

nos restará nenhum valor se pisarmos fora do Tao. Muito bem: provavelmente descobriremos que podemos perfeitamente ir em frente sem valor nenhum. Consideremos todas as idéias de dever como um simples e útil método de sobrevivência: deixemos de lado tudo isso e comecemos a fazer o que bem quisermos. Decidamos por nós mesmos o que o homem deve ser e façamos com que se torne o que desejamos, não com base num valor ideal, mas apenas porque queremos que assim seja. Tendo decidido as nossas circunstâncias, sejamos agora os nossos próprios mestres e escolhamos os nossos próprios destinos.

Essa é uma posição possível, e aqueles que a defendem não podem ser acusados de contradição como os céticos indiferentes que ainda esperam encontrar valores "realistas" depois de terem desbancado os tradicionais. Trata-se da rejeição total do conceito de valor. Precisarei de outro capítulo para apreciá-la.

3
A ABOLIÇÃO DO HOMEM

Um pensamento ardeu na minha mente: por mais que ele dissesse e por mais que me lisonjeasse, vender-me-ia como escravo quando me tivesse em seu poder
Bunyan

"A conquista da Natureza pelo Homem" é uma expressão utilizada habitualmente para descrever o progresso das ciências aplicadas. "O Homem derrotou a Natureza", disse alguém não faz muito tempo a um amigo meu. Em seu contexto, essas palavras tinham uma certa beleza trágica, pois o sujeito que as pronunciou estava morrendo de tuberculose. "Não importa", prosseguiu, "sei que sou uma das baixas. É claro que existem baixas do lado dos vencedores e do lado dos perdedores. Mas isso não muda o fato de que o Homem está vencendo." Escolhi essa história como ponto de partida com o intuito de deixar claro que não desejo menosprezar o que existe de benéfico no processo descrito como "a conquista humana", e muito menos toda a verdadeira paixão e o sacrifício pessoal que a tornaram possível. Mas, dito isto, devo passar a uma análise um pouco mais atenta dessa concepção. Em que sentido o Homem possui um poder crescente sobre a Natureza?

Consideremos três exemplos típicos: o avião, o rádio e os anticoncepcionais. Numa comunidade civilizada, em tempos pacíficos, qualquer um que tenha dinheiro pode fazer uso dessas três coisas. Mas não se pode dizer estritamente que quem o faz está exercendo seu poder pessoal ou individual sobre a Natureza. Se eu pago para que alguém me leve a algum lugar, não se pode dizer que eu seja um homem que dispõe de poder. Todas e cada uma das três coisas que mencionei podem ser negadas a alguns homens por outros homens — por aqueles que vendem, ou por aqueles que permitem que sejam vendidas, ou por aqueles que possuem os meios de produzi-Ias, ou por aqueles que as produzem. Aquilo que chamamos de poder do Homem é, na realidade, um poder que alguns homens possuem, e que por sua vez podem ou não delegar ao resto dos homens. Novamente, no que se refere ao poder do avião ou do rádio, o Homem é tanto o paciente ou o objeto como o possuidor de tal poder, uma vez que ele é o alvo tanto das bombas quanto da propaganda. E, quanto aos anticoncepcionais, existe paradoxalmente um sentido negativo no qual todas as possíveis gerações futuras são os pacientes ou objetos de um poder exercido por aqueles que já vivem. Pela contracepção enquanto tal, simplesmente lhes é negada a existência; pela contracepção usada como meio de reprodução seletiva, são obrigados a ser, sem que ninguém os consulte, o que uma geração, por suas próprias razões, vier a escolher. Sob esse ponto de vista, o que chamamos de poder do Homem sobre a Natureza se revela como um poder exercido por alguns homens sobre outros, com a Natureza como instrumento.

Trata-se, é claro, de um lugar-comum reclamar que os homens têm usado erroneamente e contra seus próprios congêneres o poder que a ciência lhes outorgou. Mas não é isso o que quero demonstrar aqui. Não me refiro a abusos ou degradações particulares que pudessem ser sanados por um aperfeiçoamento da virtude moral; estou tratando daquilo que sempre e essencialmente será aquilo que chamamos de "o poder do Homem sobre a Natureza". Sem dúvida, esse quadro poderia ser alterado com a estatização das matérias-primas e das empresas e mediante o controle público da investigação científica. Mas, a menos que existisse um único Estado mundial, ainda teríamos a preponderância de algumas nações sobre outras. E mesmo essa única nação ou Estado mundial significaria (em geral) o poder das maiorias sobre as minorias e (em particular) o poder do governo sobre o povo. E todos os exercícios de poder a longo prazo,

especialmente no que diz respeito à natalidade, significam o poder das gerações anteriores sobre as posteriores.

Essa última questão nem sempre é suficientemente enfatizada, pois os estudiosos de assuntos sociais ainda não aprenderam a imitar os físicos na consideração do tempo como uma dimensão. A fim de compreender plenamente o que de fato significa o poder do Homem sobre a Natureza e, portanto, o poder de alguns homens sobre outros, devemos considerar a raça humana no tempo, desde a data da sua aparição até a da sua extinção. Cada geração exerce um poder sobre os seus sucessores e cada uma, na medida em que modifica o meio ambiente que herda e na medida em que se rebela contra a tradição, limita o poder dos seus predecessores e resiste a ele. Isso modifica o quadro comumente apresentado de uma progressiva emancipação da tradição e de um crescente controle dos processos naturais como resultando em um contínuo crescimento do poder do homem. Na verdade, é evidente que, se alguma geração realmente alcançasse, mediante a educação científica e a eugenia, o poder de realizar em seus descendentes o que bem entendesse, qualquer homem que vivesse depois dessa geração seria objeto de tal poder. E seria mais fraco, e não mais forte, pois, embora tenhamos sido capazes de pôr engenhos maravilhosos em suas mãos, teremos prefixado a maneira como deve usá-los. E se, como é provável acontecer, a geração que tenha alcançado o poder máximo for também a geração mais emancipada da tradição, ela se verá comprometida a reduzir o poder dos seus predecessores tão drasticamente quanto o dos seus sucessores. Também temos de lembrar que, à parte isto, quanto mais recente é uma geração – e, por conseqüência, quão mais próxima está da extinção da espécie –, menor o poder que terá para avançar, uma vez que estarão reduzidos os objetos das suas ações. Por isso, não existe um poder conferido a toda a raça e que cresce substancialmente à medida que essa raça segue vivendo. Os últimos homens, longe de serem os herdeiros do poder, serão os que mais estarão sujeitos à mão mortal dos grandes planejadores e manipuladores, e serão os menos capazes de exercer algum poder sobre o futuro.

O quadro resultante é o de uma época dominante – digamos por exemplo o século C d.C. – que resiste com êxito às gerações precedentes e domina de forma irresistível as seguintes e, portanto, é dominante na espécie humana. Mas, dentro dessa geração dominante (que é, ela própria, uma minoria infinitesimal da espécie), o poder será exercido por uma minoria ainda mais reduzida. A conquista da Natureza pelo Homem, caso se realizem os sonhos de alguns cientistas planejadores, significaria que algumas centenas de homens estariam governando os destinos de bilhões e bilhões. Não há nem pode haver nenhum acréscimo ao poder do Homem. Cada novo poder conquistado pelo homem é da mesma forma um poder sobre o homem. Cada avanço o deixa mais fraco, ao mesmo tempo que mais forte. Em toda vitória, o homem é ao mesmo tempo o general que triunfa e o escravo que segue o carro dos vencedores.

Ainda não estou considerando se o resultado de tais vitórias ambivalentes é algo bom ou mau. Estou apenas esclarecendo o que verdadeiramente significa a conquista da Natureza e, especialmente, qual é o seu último estágio (que talvez não esteja longe). O último estágio virá quando, mediante a eugenia, a manipulação pré-natal e uma educação e propaganda baseadas numa perfeita psicologia aplicada, o Homem alcançar um completo domínio sobre si mesmo. A natureza humana será a última parte da Natureza a se render ante o Homem. A batalha estará então vencida. Teremos "arrancado o fio da vida das mãos de Cloto" e, daí por diante, seremos livres para fazer da nossa espécie aquilo que desejarmos. A batalha estará definitivamente vencida. Mas a pergunta é: quem exatamente a terá vencido?

Pois o poder do Homem para fazer de si mesmo o que bem quiser significa, conforme vimos, o poder de alguns homens para fazer dos outros o que bem quiserem. Não há dúvida de que sempre, ao longo da história, a educação e a cultura, de algum modo, pretenderam exercer tal poder. Mas a situação para a qual voltamos nossas atenções é inusitada em dois aspectos. Em primeiro lugar, o poder estará enormemente hipertrofiado. Até agora, os planos educativos conseguiram pouco do que pretendiam e, de fato, quando os relemos – vendo como Platão faria de cada criança "um bastardo criado em uma repartição pública", e como Elyot desejava que a criança não visse homem nenhum até os sete anos e, completada essa idade, não visse nenhuma mulher[32], e como Locke queria os meninos de sapatos esfarrapados e sem aptidão para a poesia[33] –, podemos agradecer a benéfica teimosia das verdadeiras mães, das verdadeiras amas e (sobretudo) das verdadeiras crianças por preservar a sanidade que a raça humana ainda possui. Mas os projetistas de homens destes novos tempos estarão armados com os poderes de um Estado onicompetente e uma irresistível tecnologia científica: obteremos finalmente uma raça de manipuladores que poderão, verdadeiramente, esculpir toda a posteridade a seu bel-prazer.

A segunda diferença é ainda mais importante. Nos sistemas antigos, tanto o tipo de homem que os educadores pretendiam produzir quanto seus motivos para fazê-lo estavam prescritos pelo Tao — uma norma que sujeitava os próprios professores e frente à qual não pretendiam ter a liberdade da transgressão. Não reduziam os homens a um esquema por eles estabelecido. Transmitiam o que tinham recebido: iniciavam o jovem neófito nos mistérios da humanidade que a todos concernia. Exatamente como as velhas aves ensinando as novas a voar. Mas isso vai mudar. Os valores agora são meros fenômenos naturais. Juízos de valor serão produzidos no aluno como parte do condicionamento. Qualquer que seja o Tao, ele será o produto, e não a razão, da educação. Os Manipuladores se livraram disso tudo. É mais uma parte da Natureza que eles conquistaram. A origem última de toda ação humana já não é, para eles, algo dado. Eles a têm sob seu domínio — tal como a eletricidade: é função dos Manipuladores controlá-la, não obedecer-lhe. Sabem como produzir a consciência e decidem qual tipo de consciência irão produzir. Estão fora desse processo e acima dele. Pois estamos chegando ao último estágio da luta humana contra a Natureza. A última vitória foi obtida. A natureza humana foi conquistada e conquistou qualquer que seja o sentido que essas palavras possam ter agora.

Os Manipuladores, nesse ponto, estarão em condição de escolher que tipo artificial de Tao irão impor à raça humana, segundo as razões que lhes convierem. Eles são os motivadores, os criadores de motivos. Mas de onde é que tiram esses motivos?

No princípio, talvez, é possível que tragam reminiscências do antigo Tao "natural". Assim, num primeiro momento, eles podem olhar para si próprios e enxergar guardiães e servos da humanidade, crendo ter o "dever" de exercer "bem" esse papel. Mas somente a confusão pode fazê-los insistir nessa postura. Eles consideram o conceito de dever como o resultado de certos processos que agora são capazes de controlar. A vitória que conquistaram consistiu precisamente em passar do estado em que se sujeitavam a esses

---

[32] The Boke Named the Governour, 1. iv: "Todos os homens, exceto os médicos, deveriam ser mantidos longe dos berçários." 1. vi: "Depois que uma criança atingiu os sete anos de idade (...) o mais aconselhável é privá-la de toda companhia de mulheres."

[33] Some Thoughts concerning Education, § 7: "Também o aconselho a lavar seus pés em água fria todos os dias, e a usar sapatos tão finos que possam deixar vazara água para dentro, sempre que dela se aproximar." § 174: "Caso ele tenha uma veia poética, é para mim coisa das mais estranhas que o pai deseje ou tolere que isso seja encorajado ou desenvolvido. Creio que os pais devem se empenhar para que essa tendência seja sufocada e suprimida tanto quanto possível." Ainda assim, Locke é um dos nossos educadores mais sensíveis.

processos ao estado em que os utilizam como ferramentas. Uma das coisas que precisam decidir agora e se vão ou não nos condicionar a seguir aceitando a velha idéia de dever e as velhas reações diante dela. Como é que a idéia de dever pode ajudá-los a tomar essa decisão? O próprio dever é um réu: não pode ser ao mesmo tempo o juiz. Da mesma forma, a situação do termo "bem" não é nada melhor. Sabem com precisão como produzir em nós uma dúzia de diferentes noções de bem. Nenhum conceito de bem pode ajudá-los a decidir. Seria absurdo centrar-se em um dos termos comparados e usá-lo como modelo da mesma comparação.

Parecerá a alguns que estou imaginando dificuldades fictícias para os meus Manipuladores. Outros, mais simplórios, poderiam perguntar: "Por que você supõe que eles seriam homens tão maus?" Mas eu não suponho tal coisa. A rigor eles nem sequer são homens (no sentido antigo). São, se assim desejam, homens que sacrificaram sua porção de humanidade tradicional a fim de dedicar-se à tarefa de decidir o que "Humanidade" deve significar a partir de agora. "Bons" e "maus", aplicadas a eles, são palavras vazias, pois de agora em diante é deles próprios que o conteúdo dessas palavras é retirado. Tampouco é fictícia a dificuldade. Suponhamos que nos dissessem: "No fim das contas, a maioria dos homens quer mais ou menos a mesma coisa: comida, bebida, relações sexuais, diversão, arte, ciência e a vida mais longa possível para os indivíduos e para a espécie. Deixemos que digam simplesmente: 1É isso o que nos agrada, vamos em frente e manipulemos os homens de forma que consigamos gamos obtê-lo.' Qual é o problema?" Mas não é esta a resposta. Em primeiro lugar, não é verdade que todos gostemos das mesmas coisas. Mas, ainda que assim fosse, o que moverá os Manipuladores a desprezar os prazeres e viver dias de trabalho árduo para que nós e a posteridade tenhamos aquilo que apreciamos? O dever? Mas o dever é somente o Tao, que eles podem querer impor aos homens, mas que não é válido para eles. Se eles o aceitam, então não são mais os forjadores de consciências, mas apenas seus súditos, e a sua conquista sobre a Natureza não terá de fato acontecido. A preservação da espécie? Mas por que as espécies devem ser preservadas? Um dos problemas levantados por eles é se esse sentimento em relação à posteridade (que eles sabem perfeitamente como produzir) deve ou não ser perpetuado. Não importa o quanto retrocedam, ou o quanto aprofundem, jamais encontrarão uma base sobre a qual fundamentá-lo. Qualquer motivação que tentem encontrar vai de cara se transformar numa petitio. Não que eles sejam homens maus. Eles não são homens em absoluto. Saindo do Tao, eles caíram no vazio. Nem os objetos do condicionamento serão homens infelizes. Eles não são homens em absoluto: são artefatos. A conquista final do homem mostrou-se a abolição do Homem.

Ainda assim os Manipuladores agirão. Eu disse há pouco que eles não têm nenhuma motivação, mas deveria ter dito que existe uma única exceção. Eles não têm nenhuma motivação, exceto a que lhes é definida pela força de suas emoções num determinado momento. Tudo foi desmistificado, exceto o sic volo, sic jubeo*. Mas um pensamento que não se pretende objetivo não pode ser anulado pelo subjetivismo. O impulso de coçar uma comichão ou de desmoralizar alguém quando o interrogo é imune ao antídoto que é capaz de neutralizar a justiça, a honra ou a preocupação com a posteridade. Quando todas as noções que dizem "isto é bom" são desmoralizadas, permanece a que diz "eu quero". Ela não pode ser anulada nem "interpretada", já que nunca teve nenhuma pretensão de objetividade. Os Manipuladores, portanto, têm de chegar a ser motivados simplesmente pelo seu próprio prazer. Não estou aqui me referindo à influência corruptiva

* Em latim, "como quero, assim ordeno". (N. do T)

do poder nem estou expressando o medo de que nossos Manipuladores venham a ceder a essa influência maléfica. Os próprios termos "corromper" e "influência maléfica" implicam uma doutrina de valores e são portanto desprovidos de significado nesse contexto. O que quero dizer é que aqueles que se abstêm de todos os juízos de valor jamais terão como encontrar um fundamento para preferir um impulso aos demais, exceto pela força emocional desse impulso.

É legítimo esperar que surjam alguns impulsos benéficos entre os que brotam em mentes assim esvazia das de toda motivação "racional" ou "espiritual". De minha parte, duvido muito que os impulsos benéficos tenham grande influência, uma vez abandonados à sua força natural e desprovidos do incentivo e da predileção com que o Tao os encoraja. Não creio que a história nos dê algum exemplo de um homem que, tendo abandonado a moral tradicional e alcançado o poder, tenha usado esse poder de maneira benéfica. Sou propenso a crer que os Manipuladores odiariam os produtos da sua própria manipulação. Embora considerem ilusória a consciência artificial que produzem em seus súditos, ainda assim perceberão que ela cria neles uma ilusão de sentido que, em comparação com a futilidade das suas próprias vidas, parecerá uma coisa boa, e eles os invejarão da mesma forma como eunucos invejam homens normais. Mas não insistirei neste ponto, que não passa de uma conjetura. O que não é conjetura de maneira nenhuma é o fato de que a nossa esperança de felicidade, mesmo condicionada ou "manipulada", reside no que vulgarmente chamamos de "acaso" — o acaso de que os impulsos benéficos possam predominar no fim das contas em nossos Manipuladores. Pois sem o juízo segundo o qual "a benevolência é boa" — isto é, sem entrar novamente no Tao —, eles não terão como promover ou estabelecer esses impulsos em vez de outros. Pela lógica da posição que defendem, é preciso que acatem os impulsos conforme aparecem, do acaso. E Acaso aqui significa Natureza. Será da hereditariedade, da digestão, da temperatura ambiente ou da associação de idéias que brotarão os motivos dos Manipuladores. O seu racionalismo extremado, de "ver o que está por trás" de todas as motivações "racionais", faz com que se tornem criaturas de comportamento inteiramente irracional. Se você não se dispõe a obedecer ao Tao, tampouco a cometer o suicídio, a obediência aos impulsos (e portanto, a longo prazo, à mera "natureza") é a única via possível.

Portanto, no momento mesmo da vitória do Homem sobre a Natureza, encontramos toda a raça humana sujeita a alguns poucos indivíduos, e estes indivíduos sujeitos àquilo que neles mesmos é puramente "natural" – aos seus impulsos irracionais. A Natureza, livre dos valores, controla os Manipuladores e, por intermédio deles, toda a humanidade. A conquista do Homem sobre a Natureza revela-se, no momento da sua consumação, a conquista da Natureza sobre o Homem. Todas as vitórias que parecíamos alcançar nos levaram, passo a passo, a essa conclusão. Todas as aparentes derrotas da Natureza não foram nada mais que recuos táticos. Pensávamos estar golpeando-a mortalmente quando na verdade era ela quem estava nos seduzindo. Quando acreditávamos que ela erguia as mãos para se render, preparava-se na verdade o abraço da morte que nos envolveria para sempre. inteiramente e. Se o mundo inteiramente condicionado e planejado (tendo como Tao um mero produto de planejamento) chegar a existir, a Natureza não mais se incomodará com a espécie inquieta que se ergueu revoltada contra ela há tantos milhões de anos, não mais se incomodará com a sua tagarelice a respeito da verdade e da misericórdia e da beleza e da felicidade. Ferum victorem cepit*[*], e, se os eugenistas forem suficientemente competentes,

[*] Trecho da célebre citação de Horácio: Graecia capta ferum victorem cepit [A Grécia cativa subjugou o feroz vencedor]. (N. do T.)

não haverá uma segunda revolta, mas tudo estará em ordem sob os Manipuladores, e os Manipuladores submetidos à Natureza, até que a lua caia. sobre nós ou até que o sol se torne frio.

Pode ser que meu raciocínio fique mais claro se eu o expuser de outra forma. Natureza é uma palavra com muitos significados, que pode ser mais bem compreendida se analisarmos seus vários opostos. Natural se opõe a Artificial, Civilizado, Humano, Espiritual e Sobrenatural. O termo Artificial não nos diz respeito aqui. Quanto ao resto da lista, creio que nos dá uma vaga idéia daquilo que os homens entendem por Natureza e daquilo que consideram o oposto dessa idéia. A Natureza parece ser espacial e temporal, em contraste com aquilo que pertence a outros domínios. Ela parece ser o mundo da quantidade em oposição ao mundo da qualidade; dos objetos em oposição à consciência; do servil em oposição ao completa ou parcialmente autônomo; da ausência de valor em oposição àquilo que tem e que percebe valores; das causas eficientes (ou, para algumas concepções modernas, da ausência de causalidade) em oposição às causas finais. Segue-se daí que, quando compreendemos uma coisa analiticamente, a dominamos e usamos para a nossa própria conveniência, nós a reduzimos à condição de "Natureza" – no sentido de que suspendemos nossos juízos de valor a respeito dela, fazemos abstração da sua causa final (se é que existe alguma) e a tratamos quantitativamente. Realiza-se a supressão de certos elementos, impedindo que tenhamos uma percepção completa do objeto; e essa supressão às vezes se faz de maneira bastante agressiva e mesmo dolorosa: é preciso vencer algumas barreiras antes de sermos capazes de cortar um cadáver ou um animal vivo numa sala de dissecação. E os objetos resistem a esse movimento mental com o qual os atiramos ao mundo da mera Natureza. Mas há também outros casos em que um preço semelhante é pago para que possamos obter um conhecimento analítico ou exercer certo poder manipulados, mesmo que não o percebamos. Não podemos ver as árvores como dríades ou admirá-las em sua beleza quando as cortamos em tábuas. É possível que o primeiro homem a fazê-lo tenha percebido claramente a atrocidade que cometia, e as árvores sangrando de Virgílio e de Spenser podem muito bem ser ecos distantes desse sentimento primevo de impiedade. As estrelas perderam seu aspecto divino conforme a astronomia se desenvolveu, e o Deus Morto não tem nenhuma função na agricultura da era química. Para muitos, esse processo é simplesmente a gradual descoberta de que o mundo real é diferente daquilo que esperávamos, e a velha oposição a Galileu ou aos "violadores de túmulos" não passa de obscurantismo. Mas essa é uma visão parcial. A idéia de que os objetos, despidos das suas propriedades qualitativas e reduzidos à mera quantidade, são perfeitamente reais não é uma idéia típica dos grandes cientistas modernos. Os pequenos cientistas, e os pequenos e nada científicos seguidores da ciência, podem pensar assim. As grandes mentes sabem muito bem que o objeto, tratado dessa forma, não passa de uma abstração artificial, e que com esse processo algo da sua realidade foi perdido.

Esse ponto de vista joga uma nova luz sobre a conquista da Natureza. Reduzimos as coisas à mera condição de Natureza com o propósito de "conquistá-las". Estamos sempre obtendo conquistas sobre a Natureza, justamente porque "Natureza' é o nome daquilo que, sob certo aspecto, conseguimos conquistar. O preço da conquista é tratar as coisas como mera Natureza. Toda conquista sobre a Natureza faz com que ela expanda os seus domínios. As estrelas não se tornam Natureza até que sejamos capazes de medi-las e pesá-las; a alma não se torna Natureza até que possamos psicanalisá-la. Arrancar poderes da Natureza é também ceder coisas à Natureza. Se esse processo parar antes do último estágio, talvez seja possível afirmar que os ganhos foram maiores que as perdas. Mas, se dermos o último passo e reduzirmos a nossa própria espécie à condição de mera Natureza, todo o

processo terá sido posto a perder. Pois, se chegarmos a esse ponto, aquele que lucra e aquele que foi sacrificado serão uma só e mesma coisa. Esse é um dos muitos exemplos nos quais aquilo que parece a conclusão lógica de um processo é na verdade uma extrapolação absurda. É como o famoso caso do irlandês que descobriu um aquecedor que diminuía seu consumo de gás pela metade e então concluiu que dois aquecedores poderiam reduzir sua conta a zero. É a oferta do bruxo: entregue a sua alma e em troca ganhe poder. Mas, uma vez que nossas almas, isto é, nós mesmos, forem entregues, o poder dado em troca não nos pertencerá. Seremos na verdade escravos e marionetes daquele a quem cedemos a nossa alma. O poder de tratar a si próprio como um mero "objeto natural", e de fazer dos seus próprios juízos de valor uma matéria bruta para a manipulação científica, é um poder ao alcance do Homem. Essa prática não é objetável por ser dolorosa ou chocante até estarmos acostumados com ela (como no caso da sala de dissecação). A dor e o choque serão no máximo um aviso e um sintoma. A verdadeira objeção é a seguinte: se o homem resolver tratar a si próprio como matéria bruta, matéria bruta ele será; não uma matéria bruta a ser moldada por ele mesmo, como se imagina ingenuamente, mas pelos seus apetites, isto é, pela simples Natureza, na pessoa dos seus desumanizados Manipuladores.

Estamos há algum tempo tentando, como o Rei Lear, conciliar os impossíveis: abdicar da nossa prerrogativa humana e ao mesmo tempo mantê-la. Isso é impossível. Só há duas possibilidades: ou somos espíritos racionais obrigados para sempre a obedecer aos valores absolutos do Tao, ou então não passamos de mera natureza a ser manuseada e esculpida em novas formas para o deleite dos mestres, que por sua vez serão motivados unicamente por seus impulsos "naturais". Somente o Tao é capaz de prover uma lei de ação humana comum que possa abarcar legisladores e legislados igualmente. Uma crença dogmática em valores objetivos é necessária para a própria idéia de uma regra que não seja tirânica ou de uma obediência que não seja servil.

E aqui não me refiro exclusivamente, e talvez nem mesmo principalmente, àqueles que são os nossos inimigos públicos do momento. O processo que pode abolir o Homem transcorre igualmente entre comunistas, democratas e fascistas. É possível que os métodos se diferenciem (num primeiro momento) em relação à brutalidade da aplicação. Mas muitos dos cientistas medianos usando pincenê, muitos dos famosos dramaturgos, muitos dos filósofos amadores dos nossos meios podem muito bem pretender a longo prazo o mesmo que os tiranos da Alemanha nazista. Os valores tradicionais devem ser "desmascarados" e a humanidade deve ser remodelada em uma nova forma, tudo ao gosto (que deve ser, por hipótese, um gosto arbitrário) de alguns poucos afortunados de uma geração afortunada que aprendeu como é que se faz. A crença de que podemos inventar "ideologias" ao nosso bel-prazer, e o conseqüente tratamento da humanidade como mera (VIN), espécimes, arranjos, começa a afetar até mesmo a nossa linguagem. Antigamente, matavam-se os homens maus, hoje eliminam-se os elementos anti-sociais. A virtude se tornou integração; a diligência, dinamismo; e os rapazes que são capazes de exercer um cargo de certa importância são "bom material humano". E, ainda mais assombroso, as virtudes da parcimônia e da temperança, e mesmo da inteligência corriqueira, tornaram-se resistência à compra (sales-resistance).

O verdadeiro significado do processo em andamento foi ocultado pelo uso da abstração "Homem". Não que a palavra Homem seja necessariamente uma pura abstração. No próprio Tao, desde que permaneçamos dentro dele, encontramos a realidade concreta cuja participação nos torna verdadeiramente humanos: a verdadeira vontade comum e razão comum da humanidade, vivas e crescendo como uma árvore, ramificando-se conforme variam as situações, encontrando novas aplicações, sempre mais belas e dignas.

Quando falamos de dentro do Tao, podemos falar do Homem exercendo poder sobre si mesmo num sentido verdadeiramente análogo ao do autocontrole de um indivíduo. Mas, a partir do instante em que pisamos fora desse terreno e passamos a considerar o Tao como um mero produto subjetivo, essa possibilidade desaparece. A partir daí, a única coisa em comum entre todos os homens é um mero universal abstrato, um M.D.C., e a conquista do Homem sobre si mesmo passa a significar apenas o controle dos Manipuladores sobre a matéria humana manipulada, o mundo da pós-humanidade que, consciente ou inconscientemente, quase todos os homens de todas as nações estão atualmente tentando produzir.

Nada do que eu disser vai impedir que alguns descrevam estas palavras como um ataque à ciência. Nego a acusação, é claro, e os verdadeiros Filósofos da Natureza (existem alguns vivos atualmente) perceberão que ao defender o valor também defendo *inter alia* o valor do conhecimento, que vai morrer como qualquer outro quando as raízes que o ligam ao Tao forem cortadas. Mas eu posso ir ainda mais longe. Chego até mesmo a sugerir que a cura poderia vir da própria ciência.

Dei o nome de "oferta do bruxo" ao processo pelo qual o homem cede objeto atrás de objeto, e finalmente a si próprio, à Natureza, sempre em troca de poder. E foi exatamente isso o que eu quis dizer. O fato de os cientistas terem obtido sucesso onde o bruxo fracassou ergue entre eles um contraste tão forte no imaginário popular que a verdadeira história do nascimento da ciência acaba por ser mal compreendida. É possível encontrar até mesmo quem escreva sobre o século XVI dizendo que a bruxaria era então um resquício medieval e que a ciência entrava em cena para expulsá-la. Os que estudaram o período certamente são mais dignos de confiança. Havia muito pouca bruxaria durante a Idade Média: os séculos XVI e XVII foram a época de esplendor dessa prática. O grande esforço da bruxaria e o grande esforço científico são irmãos gêmeos: um deles era doente e morreu, o outro era forte e sobreviveu. Mas eram gêmeos. Nasceram do mesmo impulso. Reconheço que alguns (certamente não todos) dos primeiros cientistas eram movidos por um genuíno amor pelo conhecimento. Mas, se analisarmos o feitio daquela época como um todo, poderemos distinguir o impulso ao qual me refiro. Existe algo que une a bruxaria e a ciência aplicada ao mesmo tempo que as separa da "sabedoria" dos tempos antigos. Para os sábios da antiguidade, o problema principal era como conformar a alma à realidade, e a solução encontrada foi o conhecimento, a autodisciplina e a virtude. Tanto para a bruxaria quanto para a ciência aplicada, o problema é como subjugar a realidade aos desejos dos homens, e a solução encontrada foi uma técnica; e ambas, ao praticarem essa técnica, se põem a fazer coisas até então consideradas repulsivas e impiedosas – tais como desenterrar e retalhar cadáveres.

Se compararmos o principal arauto da nova era (Bacon) com o Fausto de Marlowe, veremos que a semelhança é impressionante. Nos escritos de alguns críticos, lê-se que Fausto tem sede de conhecimento. Na verdade, ele mal menciona o conhecimento. O que ele quer dos demônios não é a verdade, é ouro, armas e mulheres. "Tudo o que se move entre os pólos imóveis deve estar sob seu comando" e "um bom bruxo é um deus poderoso"[34]. Com o mesmo espírito Bacon condena aqueles que consideram o conhecimento como um fim em si mesmo; para ele, isso seria usar como cortesã para obter prazer uma mulher que deveria ser uma esposa para gerar herdeiros[35]. A verdadeira finalidade é expandir o poder do Homem para o domínio de todas as coisas possíveis. Ele

[34] Dr Faustos, pp. 77-90.
[35] Advancement of Learning, Livro I (p. 60 na edição Ellis and Spedding, 1905; p. 35 na Everyman Edition).

rejeita a bruxaria porque ela não funciona[36]; mas o seu objetivo é o mesmo da bruxaria. Em Paracelso, o caráter do bruxo e o do cientista se combinam. Não há dúvida de que aqueles que verdadeiramente fundaram a ciência moderna eram homens em quem comumente o amor pela verdade suplantava o amor pelo poder; em todo movimento híbrido a eficácia provém dos bons elementos, e não dos maus. Mas a presença do mau elemento não é irrelevante para a direção que essa eficácia toma. Dizer que o movimento científico estava corrompido desde o seu nascimento pode ser um exagero, mas creio que seria verdade dizer que ele nasceu num meio nocivo e num momento de mau agouro. É possível que o seu triunfo tenha vindo rápido demais e tenha sido comprado por um preço excessivamente alto; talvez sejam necessários uma certa reconsideração e algo como um ato de contrição.

Seria então possível imaginar uma nova Filosofia Natural, sempre consciente de que o "objeto natural" produzido por análise e abstração não é a realidade, mas apenas uma visão dela, e constantemente corrigindo essa abstração? Nem sei ao certo o que estou pedindo. Tenho ouvido rumores de que a abordagem de Goethe em relação à natureza merece maior atenção – que mesmo o Dr. Steiner pode ter visto algo que escapou aos pesquisadores ortodoxos. A ciência regenerada que tenho em mente não faria nem mesmo com minerais e vegetais o que a ciência moderna ameaça fazer com o próprio homem. Quando explicasse algo, ela não aboliria esse algo. Quando tratasse das partes, não esqueceria do todo. Ao estudar uma coisa do mundo do isso, ela não perderia de vista aquilo que Martin Buber chamou de situação do mundo do tu. A analogia entre o Tao do Homem e os instintos de uma espécie animal seria para ela uma nova luz sobre essa coisa desconhecida – o Instinto – por intermédio da realidade já conhecida da consciência, jamais a redução da consciência à categoria de Instinto. Os seus seguidores não usariam livremente os termos somente e meramente. Em resumo, ela obteria uma conquista sobre a Natureza sem ser ao mesmo tempo conquistada por esta última, e adquiriria o conhecimento por um preço mais módico do que a vida.

Talvez eu esteja querendo coisas impossíveis. Talvez, na natureza das coisas, o conhecimento analítico tenha sempre de ser uma medusa que mata o que vê e que só consegue ver aquilo que mata. Mas, se os próprios cientistas não são capazes de deter esse processo antes que ele alcance a Razão comum e a mate também, então alguém tem de detê-lo. De todas as objeções a isto, a que mais temo é a de que sou "apenas mais um" obscurantista, e que esta barreira, assim como todas as barreiras anteriormente levantadas contra o avanço da ciência, pode ser transposta em segurança. Uma resposta desse teor brota do irrevogável serialismo da imaginação moderna — a imagem de um progresso retilíneo infinito que assombra as nossas mentes. Porque nós usamos tantos números para tudo, temos a tendência de pensar todos os processos como se fossem necessariamente como a série numérica, em que cada passo, por toda a eternidade, é do mesmo tipo que o passo anterior. Rogo a vocês que se lembrem do irlandês e seus dois aquecedores. Existem progressões nas quais o último passo é sui generis — incomparável aos demais — e também nas quais terminar o percurso é desfazer todo o trabalho previamente empreendido. Reduzir o Tao a um fenômeno meramente natural é um passo desse tipo. Até esse momento, o tipo de explicação que abole o objeto explicado pode até nos trazer algum resultado, ainda que a um preço demasiado alto. Mas não se pode fazer isso para sempre: cedo ou tarde chega-se a abolir a própria explicação. Não se pode "ver o que está por trás" das coisas para sempre. Todo o propósito que existe em ver o que está por trás de alguma coisa reside justamente em ver, através dessa coisa, um objeto real. É bom janela seja

[36] Filum Labyrinthi, i.

translúcida, justamente porque a rua ou o jardim além dela são opacos. E se também fosse possível ver através do jardim? Não há nenhuma utilidade em tentar "enxergar o que está por trás" dos primeiros princípios. Se você "enxergar o que está por trás" de todas as coisas sem exceção, então tudo se tornará transparente para você. Mas um mundo completamente transparente é um mundo invisível. "Ver o que está por trás” de todas as coisas é o mesmo que não ver nada.

Apêndice
EXEMPLOS DO TAO

Os seguintes exemplos da Lei Natural são tirados de fontes que estão perfeitamente ao alcance de qualquer um que não seja historiador profissional. A lista não tem nenhuma pretensão de ser completa. Há de ser notado que autores como Locke e Hooker, que escreveram desde a perspectiva da tradição cristã, são citados lado a lado com o Novo Testamento. É claro que isso seria um absurdo se estivéssemos tentando coletar testemunhos independentes do Tao. Mas (1) não estou tentando demonstrar a sua validade pelo argumento do consenso. Essa validade não pode ser deduzida. Nem mesmo o consenso universal poderia persuadir aqueles que não percebem a sua racionalidade. (2) A idéia de coletar testemunhos independentes pressuporia que as "civilizações" surgiram no mundo umas independentemente das outras, ou mesmo que a humanidade teve várias aparições independentes neste planeta. A biologia e a antropologia envolvidas nessa suposição seriam extremamente duvidosas. Não há nenhuma prova de que tenha havido (no sentido em questão) mais de uma civilização em toda a história. É no mínimo concebível que toda e qualquer civilização de que temos notícia tenha sido derivada de outra civilização e, em última análise, de um único centro – "transmitida" como uma doença infecciosa ou como a sucessão apostólica.

1. A lei geral da caridade*

(a) NEGATIVA

"Eu não matei homem nenhum." (Egípcio antigo. Da confissão da alma do justo, "Livro dos mortos". V. Encyclopedya of Religion and Ethics [= ERE], vol. V, p. 478)

"Não matarás." (Judeu antigo. Êx 20:13)

"Não aterrorizeis os homens ou Deus vos aterrorizará." (Egípcio antigo. Preceitos de Ptahhetep. ahhetep. H. R. Hall Ancient History of the Near East, p. 133n)

"Em Nástrond (= Inferno) eu vi assassinos." (Nórdico antigo. Volospá 38, 39)

"Eu não causei tormentos aos meus companheiros. Eu não fiz o começo de cada dia parecer árduo àquele que trabalhava para mim." (Egípcio antigo. Confissão da alma do justo. ERE v. 478)

"Eu não fui avarento." (Egípcio antigo. Ibid.)

"Aquele que trama a opressão tem a sua morada arruinada." (Babilônio. Hino a Samas. ERE v. 445)

"Aquele que é cruel e calunioso tem a personalidade de um gato." (Hindu. Leis de Manu. Janet, Histoire deIa Science Politique, vol. I, p. 6)

"Não calunieis." (Babilônio. Hino a Samas. ERE v. 445)

"Não darás falso testemunho contra o teu próximo." (Judeu antigo. Êx 20:16)

"Não profiras uma palavra pela qual alguém possa ser ferido." (Hindu. Janet, p. 7)

"Acaso ele (...) separou um homem honesto da sua família? Destruiu um clã de fortes laços?" (Babilônio. Lista dos pecados das tábuas de encantamento. ERE v. 446)

"Eu não causei fome. Eu não causei lágrimas." (Egípcio antigo. ERE v. 478)

"Nunca faças aos outros o que não gostarias que fizessem contigo." (Chinês antigo. Analectos de Confúcio, xv. 23; cf. xii. 2)

* As referências bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo quando outra referência é mencionada. (N. do E.)

"Não guardem ódio contra o seu irmão no seu coração." (Judeu antigo. Lv 19:17)
"Aquele cujo coração está mesmo no menor grau de bondade não há de desgostar-se de ninguém." (Chinês antigo. Analectos, iv. 4)

(b) POSITIVA
"A Natureza encoraja os homens a desejar a existência da sociedade humana e a fazer parte dela." (Romano. Cícero, De Officiis, 1. iv)
"Pela Lei fundamental da Natureza, o Homem deve ser preservado tanto quanto possível." (Locke, Tratado sobre o governo civil, li. 3)
"Quando o povo tiver se multiplicado, o que deve ser feito por ele? O Mestre disse: Faze-o, prosperar.' Jan Ch'iu perguntou: 'E, quando já estiver próspero, o que deve ser feito por ele?' O Mestre disse: 'Instruí-o.'" (Chinês antigo. Analectos, xiii. 9)
"Dize gentilezas (...) mostra boa vontade." (Babilônio. Hino a Samas. ERE v. 445)
"Os homens foram feitos para o bem dos homens, para que pudessem fazer o bem uns aos outros." (Romano. Cícero. De Off i. vil)
"O homem é a felicidade do homem." (Nórdico antigo. Hávamál 47)
"Aquele a quem se pedem esmolas deve sempre dá-las." (Hindu. Janet, i. 7)
"Qual homem bom não considera qualquer desgraça como um problema seu?" (Romano. Juvenal xv. 140)
"Sou um homem: nada do que é humano me é alheio." (Romano. Terêncio, Heaut. Tim.)
"Ame cada um o seu próximo como a si mesmo." (Judeu antigo. Lv 19:18)
"O estrangeiro (...) amem-no como a si mesmos." (Judeu antigo. Ibid. 33:34)
"Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam." (Cristão. Mt 7:12)

2. A lei específica da caridade

"É sobre o tronco que um cavalheiro deve trabalhar. Quando ele está firmemente assentado, o Caminho se alarga. E certamente o comportamento próprio com os pais e os irmãos mais velhos é o tronco da bondade." (Chinês antigo. Analectos, Í. 2)
"Irmãos lutarão entre si e serão a maldição uns dos outros." (Nórdico antigo. Descrição dos Tempos Malignos antes do fim do Mundo, Volospá 45)
"Acaso ele insultou sua irmã mais velha?" (Babilônio. Lista dos pecados. ERE v. 446)
"Você os verá cuidando dos parentes e dos filhos dos seus amigos (...) sem jamais repreendê-los minimamente." (Pele-vermelha. Lê Jeune, citado em ERE v. 437)
"Ama tua esposa persistentemente. Alegra teu coração por toda a vida." (Egípcio antigo. ERE v. 481)
"Para um homem ajuizado, nada pode mudar os deveres de parentesco." (Anglo-saxão. Beowulf, 2600)
"Acaso Sócrates não amava os filhos? Mas amava-os como homem livre, e lembrado de que, em primeiro lugar, devia amar os deuses." (Grego. Epicteto, 111. 24)
"A afeição natural é algo correto e de acordo com a Natureza." (Grego. Ibid. I. xi)
"Não devo ser insensível como uma estátua, mas sim honrar tanto minhas relações naturais quanto artificiais, como um adorador, um filho, um irmão, um pai e um cidadão." (Grego. Ibid. III, ii)
"Isto eu te digo em primeiro lugar: sê impecável para com os do teu sangue. Não te vingues nem mesmo daqueles que erram contigo." (Nórdico antigo. Sig- drifumál, 22)

"Somente os filhos de Atreus amam suas esposas? Pois todo homem bom e ajuizado ama e guarda a sua própria esposa." (Grego. Homero, Ilíada, ix. 340)

"A união e o companheirismo entre os homens serão mais bem preservados se cada um receber de nós mais generosidade na medida em que for mais próximo de nós." (Romano. Cícero. De Off 1. xvi)

"Parte de nós é exigida pela pátria, parte por nossos pais, parte por nossos amigos." (Romano. Ibid. 1. vii)

"Se um governante (...) engendrasse a salvação de todo um país, com certeza o chamarias 'Bom'? Disse o Mestre: 'já não seria o caso de chamá-lo 'Bom. Ele sem dúvida seria um Sábio Divino.` (Chinês antigo. Analectos, vi. 28)

"Acaso te esqueces de que, aos olhos dos deuses e dos homens bons, a pátria é mais digna de respeito e veneração que um pai, que uma mãe e que todos os ancestrais? Que é preciso temê-la e obedecê-la mais que a um pai irado? Que, se não puderes persuadi-la do contrário, é preciso submeter-se mansamente, quer ela te prenda ou te castigue ou te envie a uma guerra onde serás ferido ou morto?" (Grego. Platão, Críton, 51, a, b)

"Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé." (Cristão. 1 Tm 5:8)

"Lembre a todos que se sujeitem aos governantes, e às autoridades." "Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade." (Cristão. Tt 3:1 e 1 Tm 2:1, 2)

3. Deveres em relação aos pais, aos mais velhos e aos ancestrais

"Teu pai é uma imagem do Senhor da Criação, tua mãe uma imagem da Terra. Pois são vãs as obras de piedade daquele que não os honra. Este é o primeiro dever." (Hindu. Janet, i. 9)

"Acaso ele desprezou Pai e Mãe?" (Babilônio. Lista dos pecados. ERE v. 446)

"Eu fui um cajado ao lado de meu Pai (...) Obedeci inteiramente às suas ordens." (Egípcio, antigo. Confissão da alma do justo. ERE v. 481)

"Honra teu pai e tua mãe." (Judeu antigo. Êx 20:12) "Cuidar dos pais." (Grego. Lista dos deveres em Epicteto, III. vil)

"As crianças, os idosos, os pobres e os doentes devem ser considerados os senhores da atmosfera." (Hindu. Janet, i. 8)

"Levantem-se na presença dos idosos, honrem os anciãos." (Judeu antigo. Lv 19:32)

"Eu cuidei do idoso, dei-lhe o meu cajado." (Egípcio antigo. ERE v. 481)

"Você os verá cuidando dos homens idosos." (Pele vermelha. Lê Jeune, citado por ERE v. 437)

"Eu não mexi nas oferendas dos mortos bem-aventurados." (Egípcio antigo. Confissão da alma do justo. ERE v. 478)

"Quando o devido respeito pelos mortos é observado no fim e mantido depois que eles estão já muito distantes, a força moral (tê) de um povo alcançou o seu ponto mais elevado." (Chinês antigo. Analectos, i. 9)

4. Deveres em relação às crianças e à posteridade

"As crianças, os idosos, os pobres e os doentes devem ser considerados os senhores da

atmosfera." (Hindu. Janet, i. 8)
"Casar e gerar filhos." (Grego. Lista dos deveres. Epicteto, III. vil)
"Podes conceber uma cidade governada segundo as máximas de Epicuro? (...) O que aconteceria? De onde a população tiraria seu sustento? Quem os educaria? Quem seria o Instrutor dos Jovens? Quem seria o Instrutor das Atividades Físicas? O que seria ensinado?" (Grego. Ibid.)
"A Natureza produz um amor especial pela descendência" e "Viver de acordo com a Natureza é o sumo bem." (Romano. Cícero, De Off. 1. iv e De Legibus, 1, xxi)
"O segundo desses feitos não é menos glorioso que o primeiro; mesmo quando o primeiro causa benefícios em determinada ocasião, o segundo continua a beneficiar o Estado para sempre." (Romano. Cícero. De Off. 1. xxli)
"Deve-se grande reverência a uma criança." (Romano. Juvenal, xiv. 47)
"Disse o Mestre: 'Respeita os jovens.` (Chinês antigo. Analectos, ix. 22)
"A morte de mulheres e mais especificamente de meninas e meninos pequenos que serão a força futura do povo é a parte mais triste (...) e sentimo-la com muita dor." (Pele-vermelha. Descrição da Batalha de Wounded Knee. ERE v. 432)

5. A lei da justiça

(a) JUSTIÇA SEXUAL
"Acaso ele se aproximou da mulher do próximo?" (Babilônio. Lista dos pecados. ERE v. 446)
"Não adulterarás." (judeu antigo. Êx 20:14)
"Em Nástrond (= Inferno) eu vi (...) ludibriadores da mulher do próximo." (Nórdico antigo. Volospá 38, 39)

(b) HONESTIDADE
"Acaso ele traçou falsas demarcações de terra?" (Babilônio. Lista dos pecados. ERE v. 446)
"Enganar, roubar, ocasionar roubo." (Babilônio. Ibid.) "Não roubai." (Egípcio antigo. Confissão da alma do justo. ERE v. 478)
"Não furtarás." (Judeu antigo. Êx 20:15)
"O prejuízo é preferível ao lucro ilícito." (Grego. Chilon Fr. 10. Diels)
"Justiça é a intenção permanente e estável de prover a cada homem o que é seu direito." (Romano. Justiniano, Instituições, 1. i)
"Se o nativo fizer um 'achado' de qualquer tipo (p. ex. uma árvore de mel) e o marcar, o objeto passará, pelo menos para os homens de sua tribo, a ser indiscutivelmente seu, por mais que ele demore a usá-lo." (Aborígine australiano. ERE v. 441)
"O primeiro tópico da justiça é que ninguém cause nenhum dano a outros a não ser que tenha sido antes atacado pelo delito alheio. O segundo é que os homens devem cuidar da propriedade pública como propriedade pública, e a propriedade privada como se fosse sua. Não existe propriedade privada por natureza, mas as coisas se tornaram privadas quer por ocupação prévia (como quando os homens da antiguidade chegaram a um território desabitado), quer por conquista, quer por lei, quer por acordo, quer por contrato, quer por lançar de sortes." (Romano. Cícero, De Off. 1. vil)

(c) JUSTIÇA NOS TRIBUNAIS ETC.

"Aquele que não aceita suborno agrada a Sarnas." (Babilônio. ERE v. 445)
"Eu não caluniei o escravo ao seu superior." (Egípcio antigo. Confissão da alma do justo. ERE v. 478)
"Não darás falso testemunho contra o teu próximo." (Judeu antigo. Êx 20:16)
"Considerai aquele que conheceis como aquele que não conheceis." (Egípcio antigo. ERE v. 482)
"Não cometam injustiça num julgamento; não favoreçam os pobres, nem procurem agradar os grandes." (Judeu antigo. Lv 19:15)

6. A lei da boa-fé e da veracidade

"Um sacrifício é apagado por uma mentira e o mérito de uma esmola por um ato fraudulento." (Hindu. Janet, i. 6)
"Cuja boca, cheia de mentiras, não é correta diante de ti: tu queimarás as suas palavras." (Babilônio. Hino a Samas. ERE v. 445)
"Acaso era a sua boca cheia de Sins, e o coração cheio de Nãos?" (Babilônio. ERE v. 446)
"Eu não disse falsidades." (Egípcio antigo. Confissão da alma do justo. ERE v. 478)
"Não busquei fazer trapaças, nem disse juramentos falsos." (Anglo-saxão. Beowful, 2738)
"Disse o Mestre: 'Tem uma boa-fé inabalável." (Chinês antigo. Analectos, viii. 13)
"Em Nástrond (= Inferno) eu vi perjuros." (Nórdico antigo. Volospá 39)
"Odiável como os portões de Hades é para mim o homem que diz uma coisa e esconde outra em seu coração." (Grego. Homero. Ilíada, ix. 312)
"O fundamento da justiça é a boa-fé." (Romano. Cícero, De Of. 1. vil)
"[O cavalheiro] deve aprender a ser leal aos seus superiores e a manter suas promessas." (Chinês antigo. Analectos, i. 8)
"Qualquer coisa é melhor que a traição." (Nórdico antigo. Hávamál 124)

7. A lei da misericórdia

"Os pobres e os doentes devem ser considerados os senhores da atmosfera." (Hindu. Janet, i. 8)
"Aquele que intercede pelos fracos muito agrada a Samas." (Babilônio. ERE v. 445)
"Acaso ele deixou de libertar um prisioneiro?" (Babilônio. Lista dos pecados. ERE v. 446)
"Eu dei pão ao que estava faminto, água ao que tinha sede, roupas ao que estava nu, levei ao outro lado do rio o que não tinha um bote." (Egípcio antigo. ERE v. 446)
"Não se deve bater em uma mulher, nem mesmo com uma flor." (Hindu. Janet, i. 8)
"Portanto, Thor, tu recebes desgraças quando agrides mulheres." (Nórdico antigo. Hárbarthsljóth 38)
"Na tribo Dalebura uma mulher, aleijada de nascença, foi cuidada pelos membros da tribo, que se revezavam, até a sua morte, aos 66 anos." (...) "Eles jamais abandonam os enfermos." (Aborígine australiano. ERE v. 443)
"Você os verá cuidando de (...) viúvas, órfãos e idosos, sem jamais repreendê-los." (Pele-vermelha. ERE v. 439)
"A Natureza reconhece ter dado à raça humana os mais tenros corações ao nos dar o poder de verter lágrimas. Isso é o que há de melhor em nós." (Romano. Juvenal, xv. 131)
"Dizem que ele foi o mais cortês e brando dos reis em todo o mundo." (Anglo-saxão. Louvor ao herói em Beowulf , 3180)
"Quando vocês estiverem fazendo a colheita de sua lavoura e deixarem um feixe de trigo

para trás, não voltem para apanhá-lo. Deixem-no para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva." (Judeu antigo. Dt 24:19)

8. A lei da magnanimidade

(a)

"Há dois tipos de injustiça: o primeiro é o que se encontra naqueles que causaram algum dano, e o segundo naqueles que deixam de evitar danos a outros quando podem." (Romano. Cícero, De Off. 1. vil)

"Os homens sempre souberam que, quando a violência e as agressões se aproximavam, eles deviam defender uns aos outros; eles sempre souberam que, conquanto os homens busquem sua própria comodidade, se ela fosse alcançada com danos a outros não deveria ser tolerada, mas sim combatida por todos os homens com todos os meios lícitos." (Inglês. Hooker, Laws of Eccl. Polity, 1. ix. 4)

"Não tomar conhecimento de um ataque violento é fortalecer o coração do inimigo. A valentia é valiosa, mas a covardia é desprezível." (Egípcio antigo. Faraó Senusert 111, citado em H. R. Hall, Ancient History of the Near East, 161)

"Eles chegaram aos campos da alegria, às terras frescas do Bosque Afortunado e à morada dos Bem-aventurados (...) aqui estava a companhia daqueles que foram feridos ao lutar por sua pátria." (Romano. Virgílio, Eneida, vi. 638-9, 660)

"A coragem tem de ser mais forte, o coração mais robusto, o espírito mais austero, conforme nossas forças se esvaem. Aqui jaz nosso senhor, cortado em pedaços, nosso melhor homem caído por terra. Se algum de vós pensar em deixar esta batalha, ele gemerá para sempre." (Anglo-saxão. Maldon, 312)

"Louvai e imitai aquele homem para quem, conquanto seja agradável a vida, não é pesarosa a morte." (Estóico. Sêneca, Ep. liv)

"Disse o Mestre: 'Amai aprender e, caso sejais atacados, estejais prontos para morrer pelo Bom Caminho.` (Chinês antigo. Analectos, viii. 13)

(b)

"A morte é preferível à escravidão e aos atos vis." (Romano. Cícero, De Off. 1. xxiii)

"A morte é melhor para qualquer homem do que uma vida vergonhosa." (Anglo-saxão. Beowulf, 2890)

"A Natureza e a Razão ordenam que nada degenerado, nada efeminado, nada lascivo seja feito ou pensado." (Romano. Cícero, De Off. 1. iv)

"Não devemos ter, conforme aconselham alguns, pensamentos humanos por sermos humanos, nem pensamentos mortais por sermos mortais, mas sim buscar a imortalidade na medida do possível e fazer tudo o que está ao nosso alcance para viver de acordo com a parte mais excelente que há em nós, a qual, sendo pequena em volume, mas muito maior em força e em honra, sobrepuja tudo o mais." (Grego antigo. Aristóteles, Eth. Nic. 1177 B)

"A alma portanto deve conduzir o corpo, e o espírito de nossas mentes deve comandar a alma. Esta é portanto a primeira Lei, pela qual o mais elevado poder da mente exige a obediência de todo o resto." (Hooker, op. cit. 1. viii. 6)

"Que ele não deseje morrer, que ele não deseje viver, que ele aguarde a sua hora (...) que ele acolha pacientemente as palavras ríspidas, abstendo-se inteiramente dos prazeres materiais." (Indiano antigo. Leis de Manu. ERE li. 98)

"Aquele que é imóvel, aquele que conteve os seus sentidos (...) é chamado devoto. Como

uma chama que, num lugar sem vento, não tremula, assim é o devoto." (Indiano antigo. Bhagavad gita. ERE li 90)

(c)

"Acaso não é o amor pela Sabedoria uma aprendizagem para a morte?" (Grego antigo. Platão, Fédon, 81 A)

"Sei que estive pendurado no patíbulo por nove noites, ferido pela lança como um sacrifício a Odin, eu oferecido a Mim." (Nórdico antigo. Hávamál, 1. 10 em Corpus Poeticum Boreale; estrofe 139 in Lieder der Älteren Edda, de Hildebrando. 1922)

"Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto. Aquele que ama a sua vida, a perderá." (Cristão. Jo 12:24 s.)